

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PROJETO DE VIDA: UM RETRATO DA MULHER NO CAMPO

MARCELO MOREIRA CEZAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre

Agosto, 2014

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PROJETO DE VIDA: UM RETRATO DA MULHER NO CAMPO

MARCELO MOREIRA CEZAR

ORIENTADOR: PROF. DR. ADOLFO PIZZINATO

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Social

**Porto Alegre
Agosto, 2014**

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PROJETO DE VIDA: UM RETRATO DA MULHER NO CAMPO

MARCELO MOREIRA CEZAR

COMISSÃO EXAMINADORA:

AVALIADORA: PROF.^a DR.^a JAQUELINE TITTONI
(UFRGS)

AVALIADOR: PROF. DR. LEONARDO LEMOS DE SOUZA
(UNESP)

ORIENTADOR: PROF. DR. ADOLFO PIZZINATO
(PUCRS)

**Porto Alegre
Agosto, 2014**

DEDICATÓRIA

Dedico estes escritos a todos os que estiveram presentes durante o processo, especialmente à minha família, que me deu suporte e aconchego nos momentos mais (des)inspiradores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família (minha mãe Maria do Carmo) pelo suporte para a realização do meu percurso acadêmico desde a graduação até o trabalho. Sobretudo pelos meus projetos de vida (que foram vários) e que sem exceção foram ouvidos e apoiados.

Um agradecimento especial à minha namorada Barbara e à sua família (Giovi, Edu, Cedi) pelos momentos de apoio, carinho e acolhimento emocional durante o processo de construção deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador Adolfo Pizzinato pela confiança e pelo incentivo durante o processo de escrita, pelo aconchego nos momentos in(tensos) que foram travados durante o Mestrado. Da mesma forma, pelos vários livros que me foram emprestados, mas, principalmente, pelo modelo de profissional que acredita no aprendizado e no crescimento que o Professor propicia ao Aluno através da transmissão de conhecimento.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Identidade, Narrativas e Comunidade de Prática (INCP), em nome de todos os que passaram e aos que recém chegaram. E, claro, aos amigos que conheci durante este percurso de Mestrado que, embora curto, foi muito marcante.

Agradeço ao Centro de Aperfeiçoamento de Pesquisa do Ensino Superior (CAPES), pelo incentivo à realização desta pesquisa, e pelo apoio na minha carreira profissional.

A todas as meninas que participaram da pesquisa, principalmente, pela disposição de falar sobre si e colaborar com o meu projeto de vida.

Por fim, um agradecimento à Professora Jaqueline Tittoni, ao Professor Leonardo Lemos de Souza, pela aceitação de participar e contribuir nesta etapa final da minha dissertação.

Muito Obrigado!

RESUMO

Este estudo aborda a relação entre o projeto de vida e aspectos do âmbito rural em jovens mulheres do interior do Rio Grande do Sul, em torno de suas implicações na construção de respectivos projetos vitais. Com o objetivo de discutir como tais meninas constroem seus projetos de vida, da mesma forma que discutir como elas percebem o seu contexto e contrastar as vozes que constituem o itinerário de vida. Com isso, norteamos esta discussão com pressupostos do estudo de gênero que geraram reflexões sobre o aspecto de ser mulher em um contexto rural. A fotografia foi introduzida na pesquisa com a perspectiva de que as jovens falassem sobre seu cotidiano e os modos de ver, tendo em vista que tensionamos este processo com a produção de narrativa a partir da compreensão da fotocomposição. Como ferramenta metodológica utilizamos a entrevista narrativa de caráter compreensivo em que integramos aspectos da trajetória de vida com perspectiva de passado e de futuro. Como resultado, dividimos esta dissertação em duas seções; na primeira discorremos sobre o entendimento das imagens como um lugar onde situamos o tempo e os aspectos de visibilidade, compondo um desdobramento sobre as formas de ver e criando linhas de reflexão sobre os projetos de vida. No segundo estudo, situamos o espaço que habita o tempo, onde as possibilidades de ver e de ser são pensadas, formas as quais envolvem as questões das possíveis transformações de seus planos de vida. Neste segundo estudo são discutidas, sobretudo, as questões de ser mulher e de projetos de vidas dentro de um espaço: a ruralidade. Com isso, os dois estudos refletem um eixo em comum: o compasso de um modo de vida dentre as meninas participantes da pesquisa, pois o caráter de autoria do processo de captura de imagens fez com que surgissem signos compartilhados sobre os projetos de vida, sobre as flutuações de gênero e dilemas da juventude. Dessa forma, o trabalho realizado intensifica o debate sobre uma população que não é alvo tradicional da produção de saber da Psicologia e traz como uma contribuição o debate sobre uma forma de pesquisar e desafiar as participantes a uma nova lógica ver e refletir sobre si.

Palavras-Chave: Juventude; Ruralidade; Projeto de vida; Fotografia.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.05.00 - 3 Psicologia Social

ABSTRACT

This study presents the relationship between the project of life and aspects of the rural context in young women that from the countryside of Rio Grande do Sul, about the implications on a construction of vital projects. With the aim to discuss how such girls build their life projects, similarly to discuss how young women realized her contexts and contrast the voices that make the itinerary of her life. Although, we focus this discussion with assumptions of gender studies that generated reflections on the aspect of being a woman in a rural context. The photograph was introduced in research with the prospect for young people talk about their days and mode of lives her days and ways of visibility, considering that stretched this process with the production from the narrative has understood of photocomposition. As a methodological tool we use a sensitive character about narrative interview in which integrate aspects of the life trad with past and perspective. As well we have divided this work in two sections consisting of a two studies; at first we hold forth about the understanding images as a place, and where we situate the weather and the visibility aspect. However, composing an development on ways of visibility and creating lines of reflection on life projects. In the second study, we situate the space that inhabits the time, where possibilities to see and of being are thought out, ways in which involve the issues of possible transformations of their life plans. In this second study are discussed mainly the issues of being a woman and lives project within a space: the ruralidade (countryside). With that, the two studies reflect an axis in common: the compass of a way of life among research participants girls, because the character of authorship process of capture causes about images to appear signs on the shared life projects, gender fluctuations and dilemmas of youth. In this way the work performed, the debate intensifies about a population that is not traditional, production targets about psychology and brings as a contribution the quarrel about a form of search and challenge the participants to a new logic see and reflect on themselves.

Key-words: Young; Rural; Life projects; Photography.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psychology

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.05.00 - 3 Social Psychology

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO	8
RELAÇÃO DE FIGURAS	9
1. APRESENTAÇÃO	10
1.1. Referências	15
2. SEÇÃO I	19
2.1. RURALIDADE E PROJETOS DE VIDA: O OLHAR DE JOVENS MULHERES.....	19
2.2. RESUMO	19
2.3. ABSTRACT	20
2.4. Introdução	21
2.5. Metodologia para ver o tempo e o espaço	24
2.6. Experiência de fotografar no rural.....	27
2.7. Considerações finais.....	31
2.8. Referências	33
3. SEÇÃO II	36
3.1. PROJETOS VITAIS DE JOVENS MULHERES DO ÂMBITO RURAL: UMA APROXIMAÇÃO COM O USO DE FOTOCOMPOSIÇÕES.....	36
3.2. RESUMO	36
3.3. ABSTRACT	37
3.4. Introdução	38
3.5. Método	44
3.6. Resultados	45
3.7. Considerações finais.....	58
3.8. Referências	59
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
5. ANEXOS.....	65
5.1. ANEXO A.....	65
5.2. ANEXO B	66
5.3. ANEXO C	67
5.4. ANEXO D.....	68

RELAÇÃO DE FIGURAS

FIGURA 1 – DIPLOMA	28
FIGURA 2 – PASSADO	30
FIGURA 3 – FUTURO	30
FIGURA 4 – SER HOMEM	47
FIGURA 5 – SER MULHER	48
FIGURA 6 – FEMININO	49
FIGURA 7 – MASCULINO.....	51
FIGURA 8 – SER MULHER	51
FIGURA 9 – FUTURO	54
FIGURA 10 – COMUNIDADE.....	56
FIGURA 11 – SER MULHER	57
FIGURA 12 – SER HOMEM	57
FIGURA 13 – FUTURO	58
FIGURA 14 – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS	65

1. APRESENTAÇÃO

O cotidiano das pessoas é dotado de uma heterogeneidade que permite uma variedade de interlocuções entre os diversos campos do saber, e tais conhecimentos potencializaram as discussões das possibilidades de ser. Discussões que historicamente estão situados em âmbito urbanos, estando aí a Psicologia com um olhar quase que exclusivamente para a população das grandes cidades, onde os privilegiados em estudos e intervenção são os habitantes urbanos (Leite, Macedo, Dimenstein, & Dantas, 2013).

Tendo em vista essas questões, o percurso deste estudo realça questionamentos em torno da Psicologia e sua relação com o contexto rural, onde pensamos uma metodologia de pesquisa que aproximasse a vivência das participantes com elementos de seus projetos de vida. A partir disso, foi recortado o projeto: *Etnicidade e ruralidade na construção de trajetórias educacionais e projetos vitais de jovens mulheres*, decorrente do Núcleo de Pesquisa *Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Dentro disso, norteamos a trajetória deste estudo por meio da produção de fotografias por jovens mulheres, tendo em questão os papéis de gênero como pressuposto do estudo. Ao utilizarmos itinerários conceituais que envolvem o âmbito rural, balizamos a proposta de trabalho com jovens mulheres a fim de buscarmos elementos que envolvam a juventude. Com isso, esta investigação deve ser entendida a partir das interações que as jovens realizam com o espaço onde vivem, juntamente com as narrativas que são produzidas com as imagens (Silva, Tittoni, & Axt, 2013).

A opção pelo estudo de mulheres foi para traçar um panorama da diversidade de fenômenos da juventude, de projeto de vida e suas implicações nas formas de ser no contexto rural. Dentro das formas de ser, pensamos no universo feminino, pois atitudes sexistas por imposição da cultura e do funcionando de acordo com o modelo de Patriarcado, da mesma forma que levam em consideração o tensionamento relacionado às questões de quem exerce controle sobre as mulheres, e as expectativas das jovens sobre as relações de seus projetos de vida (Barnett, 2001; Dobash y Dobash, 1997).

Com isso, situamos este estudo no interior do Estado Rio Grande do Sul, onde desenvolvemos a investigação em quatro cidades, totalizando 38 meninas entrevistadas. Destas, 19 estavam cursando o Ensino Fundamental e as outras 19 estavam finalizando o Ensino Médio. Neste estudo utilizamos as imagens e as narrativas produzidas de oito meninas, das quais quatro estavam no Ensino Fundamental e as outras quatro estavam

finalizando o Ensino Médio. Com isso pretendemos aprofundar em dois temas: o Tempo e o Espaço, a fim de possibilitar a discussão sobre o âmbito rural no projeto de vida dentre as jovens.

Optamos pelos temas de espaço e de tempo com o intuito de delimitar, na perspectiva de projeto de vida, um espaço entre o passado e futuro perpassado pelo cotidiano do espaço rural destas jovens. Temos de um lado um conjunto de indagações sobre as possibilidades de ser, por outro lado as questões que envolvem um modo de ser naquele contexto, sendo que, neste ponto onde estas narrativas aparecem, as alternativas contribuem justamente para pensar novas possibilidades sobre o projeto de vida de cada jovem.

A intenção de desenvolver este estudo era de gerar um panorama da diversidade de fenômenos que envolvem o meio rural. Com isso, a estratégia metodológica de Fotocomposição possibilita um espaço de desafio e de produção, apreendendo a significação que participantes dos estudos fazem de seus espaços e vidas, e sua escolha se deve a seu potencial como forma alternativa de linguagem em pesquisa (Maurense & Tittoni, 2007).

Na pesquisa com imagens, é possível entender como no contexto e num conjunto de práticas nas quais, mediante a participação individual dos sujeitos, eles definem a si próprios. A participação em instituições sociais, como a escola, por exemplo, gera práticas culturalmente significadas e incorpora processos de construção da identidade de todos os participantes da comunidade, ainda que com posicionamentos e vozes diferenciadas. Levando em consideração estes aspectos, a questão norteadora de nosso estudo foi: Como se organiza discursivamente o projeto vital e educacional de jovens mulheres do contexto rural do Estado do Rio Grande do Sul?

Com essa proposta de estudo, nos embasamos pelo viés de que os sujeitos constroem e são construídos pela história, e têm o poder de afetar e serem afetados por condições externas, dentro de um movimento dialético na dimensão subjetiva. Dessa forma, estudos que envolvem o âmbito rural têm relevância, pois, a segundo Sawaia (2009), cada vez mais a psicologia é chamada a discutir questões de políticas públicas, tendo que assumir um papel de observador sobre as possibilidades de superação das Desigualdades Sociais.

A atenção sobre as perspectivas de projeto de vida para populações oriundas de espaços rurais que considerem as questões sociais, econômicos, culturais e de gênero justifica nosso estudo, na perspectiva de discutir os desafios vividos pela juventude,

como uma fase de criação histórica que é atribuída de significações. Então, entendemos a juventude como um processo de desenvolvimento e de transição para a vida adulta. (Furlani & Bomfim, 2013; Ozella, 2003).

A proposta desta investigação é de considerar as questões do mundo rural e dos projetos de vida de jovens, para isso a faceta sobre as características de ser é de contextualizar os modos de vida que repercutem na vida das pessoas. Com isso discutimos o meio rural considerando o urbano, pois, segundo Albuquerque (2002), a Psicologia tem dado privilégio, historicamente, para questões do urbano.

É importante ressaltar que a compreensão de cidade vai além de aspectos físicos, ademais é laçada por relações interpessoais produzidas entre as pessoas, as quais trocam marcas, costumes e hábitos. A cidade pode ser considerada como um resultado da ação humana, uma obra coletiva que desafia a natureza, pressupondo, então, um sentido de coletividade com diversas individualidades que condensam diversos aspectos econômicos, sociais e culturais. (Park, 1979; Rolnik, 1994).

Assim, os modos de vida são atingidos pela questão de uma demarcação de um contexto, no caso o urbano que, para Rolnik (1994), leva à definição de interesses. A definição dessa autora traz à tona o centro e as causas das resoluções econômicas, sociais e políticas, sobretudo porque, nas grandes cidades, as oportunidades das pessoas de terem contato com outras pessoas e outras instituições são maiores do que no espaço rural. Sendo que as relações íntima e permanente, próprias de lugares menores, são substituídas por relações casuais e fortuitas (Park, 1979).

Por outro lado, a organização do rural, segundo Cavalcante (2010), é inclinada a uma lógica urbanocêntrica e consumista, em que basta ter o quintal que produz e que exporta, ou que alimenta o urbano e sua sede de possuir. Acaba sendo delegado ao âmbito rural um papel periférico em relação à cultura urbana socialmente reconhecida. Com isso, frequentar a escola e não se ver representado por ela é o dilema de muitos jovens no meio rural. Nessa lógica, Cavalcante (2010) defende que, em um mundo dos “mais” e “menos” privilegiados socialmente, reinam os matizes discriminatórios de cor, de credo, de gênero, de escolarização e etnia, ampliados no hiato territorial que sai do urbano e chega ao rural.

Sendo assim, é importante ressaltar que este estudo foi realizado em parceria com as escolas onde as jovens estudavam. Essas escolas estavam localizadas no meio urbano, e tinham como práticas cotidianas a vinda das meninas e dos meninos para a cidade para estudar. Sabendo disso, tomamos os cuidados de incluir meninas que

vivessem exclusivamente no campo. Pois concebemos este estudo como uma possibilidade de pensar as práticas da Psicologia, compreendidas como um processo de diálogo entre os projetos vitais. Portanto, não tínhamos como objetivo formular respostas lineares, mas construir espaços de problematização para jovens desses contextos.

Em vez de uma busca por uma determinação do que seria juventude, consideramos as dimensões flexíveis, ou seja, a partir de nossa visão urbana de juventude pressupomos uma cultura propriamente desta categoria (no meio rural). Cultura que condiz com adiantamento de papéis e responsabilidades dos adultos, principalmente relacionadas ao mundo do trabalho, da mesma forma como uma certa invisibilidade de políticas públicas específicas, e invisibilidade dessas jovens em suas próprias comunidades (Carneiro, 2005; Stropasolas, 2006).

As configurações de ruralidade nos âmbitos onde realizamos a pesquisa são os aspectos decorrentes da forma de ser de cada local. Pizzinato & Sarriera (2003) apontaram algumas reflexões sobre os processos de manutenção da identidade no Rio Grande do Sul, em especial no âmbito educacional, onde a valorização e a projeção de certos valores identificados com uma suposta noção de origem se fazia muito presente. Nesse sentido, algumas transformações começam a romper com alguns padrões tradicionais, abrindo espaço para projetos individuais (Oliveira & Prado, 2013).

A importância das diferentes gerações nas construções de projetos de vida está no conflito entre as gerações, onde as mudanças de valores correntes podem envolver os membros da família como um todo. Pois esta ideia de conflito pode criar uma fissura entre os projetos de familiares e das jovens, que de certa forma pode ser atenuada diante de mudanças de valores que envolvem os membros da família. Também esta mudança pode estar intimamente ligada com o papel de ser mulher em um contexto patriarcal (Carneiro, 2005).

A concepção de sujeito como catalisador de múltiplas vozes possui um especial significado na juventude, onde as relações de gênero e ruralidade podem ter volumes dos mais diversos, dependendo de diferentes fatores implicados nas formas com que as culturas organizam as relações entre as pessoas. Decorrente disso, compreendemos, a partir destas múltiplas vozes, as formas como as estratégias familiares se apresentam, sobretudo para a manutenção da tradição, ou mesmo do afastamento da autoridade paterna (Castro, 2009; Durston, 1998).

Portanto, outro princípio para o entendimento da condição juvenil no campo, para Castro (2005), é o significado do lugar de subordinação do jovem no interior de uma hierarquia de gênero e geracional que se reflita na divisão de trabalho. Sendo que esta hierarquia está intimamente ligada às posições de poder e de inferioridade a que a jovem mulher pode estar submetida, inclusive podendo se tratar de uma figura de um chefe de família. Diante disso, a juventude no contexto rural seria uma categoria que está em meio a uma disputa de conflitos que envolvem seus projetos de vida (Castro, 2006).

Portanto, para fins de melhor compreensão dos estudos que compõem esta pesquisa, é fundamental certa reflexão sobre aspectos característicos da juventude de mulheres do âmbito rural, pois, como consequência destas condições que influenciam o projeto de vida destas jovens, temos a construção de novas identidades nas quais novos valores rurais e urbanos fazem parte da construção e estreitamentos das relações campo-cidade, como fundamentais, com ambiguidade entre a cultura de origem e o espelho da cultura urbana (Carneiro, 1998).

Após o entendimento do processo de juventude que depende das relações sociais estabelecidas durante o processo de socialização, compreendemos os aspectos sobre o projeto de vida para jovens, na medida em que elas vivenciam um contínuo processo de construção de si. Tais construções são norteadas por eixos orientadores que significam uma visão de futuro, a partir do aqui e agora, por anseios a respeito do trabalho, profissão, e vida familiar, que dizem de um desejo individual para cada pessoa (Furlani & Bomfim, 2010).

Nesta dissertação, buscamos compreender os processos que envolvessem estes aspectos de juventude, projeto de vida e gênero e o meio rural, com o atravessamento da produção de imagens. Com o intuito de desafiar as meninas a buscar uma inquietação de seu modo de ser a partir dos seus olhares, sendo que estes olhares estabelecem relações entre as situações cotidianas e as transformam em cenas. Isto em uma dimensão que tende a voltar os olhares para os elementos que fazem mais sentido nas suas vidas (Flusser, 2002).

Com isso, dividimos a produção destes escritos em duas seções: tempo e espaço. Na primeira seção, estabelecemos uma discussão a partir de um tema-dispositivo de tempo, no qual pressupomos o passado e futuro como elementos norteadores para a discussão sobre o projeto de vida das jovens. Na segunda seção, organizamos o texto em voltas sobre o espaço, ou seja, buscamos trazer questões que dizem respeito ao âmbito

rural. Esta divisão não é estanque, pois permite um olhar que circula sobre os escritos, e eles podem ser desfiados e vistos um após o outro.

A organização da primeira seção diz respeito a uma discussão teórica sobre as imagens, onde o enfoque recai na discussão sobre a produção de imagens, com a tensão entre movimento fotográfico e a lógica de cristalização do tempo em um enquadramento no espaço (Tittoni, 2011). Arriscamos, ainda, uma articulação com algumas imagens, sem pretensão de uma textolatria¹, mas como condição de inteligibilidade empírica deste estudo.

Na segunda seção, a discussão está em torno das questões do espaço e do modo de vida no âmbito rural, que envolvem a produção das narrativas a partir das imagens produzidas pelas jovens. Também, nesta seção, são discutidos os aspectos que impulsionam e balizam a construção de projetos de vidas no contexto rural. Sobretudo, envolvendo um caráter autobiográfico destas jovens, o que proporcionou uma aproximação ao seu cotidiano.

Em ambas as seções uma metodologia qualitativa de caráter compreensivo foi utilizada, com o intuito de nos aproximarmos do mundo das jovens. Com isso, empregamos o recurso da fotocomposição e da produção de narrativas para desenvolvermos este estudo. Com uma perspectiva que envolve o respeito pelos padrões culturais como reguladora da realidade.

Por fim, tecemos algumas considerações acerca da utilização de recursos da fotografia na pesquisa na área da Psicologia. Da mesma forma que ressaltamos a importância de discussões que envolvam o meio rural, onde evidenciamos algumas inquietações que ficaram durante o desenvolvimento desta pesquisa acerca do tema.

1.1. Referências

Albuquerque, F. J. B. (2002). Psicologia social e formas de vida rural no Brasil. *Teoria e Pesquisa*, 18 (1).

¹ Conceito que propõe fidelidade ao texto, tanto em ideologias quanto nas ciências, onde estes textos passam a ser imagens por derradeiros conceitos (Flusser, 2002).

Barnett, O. (2001). Why battered women do not leave, part 2: External inhibiting factors – social support and internal inhibiting factors. *Trauma Violence, & Abuse*.

Carneiro, M. J. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*.

Carneiro, M. J. (2005). Juventude rural: projetos e valores. In: Abramo, H. W.; Branco, P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. (pp. 243-262). São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania.

Castro, E. (2005). Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: UFRJ.

Castro, E.G. (2006). As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. In: Woortmann, E.F.; Heredia, B.; Menashe, R. (Org.). *Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA, IICA, 2006, p. 245-275.

Castro, E. (2009). Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez.juv*, 7(1).

Durston, J. (1998). *Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual*. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe.

Cavalcante, C. (2010). Jovens na comunidade virtual e estratégias educativas. In: Guimarães, M. T. (Org.). *Jovens: espaços de sociabilidade e processos de formação* (pp. 9-22). Goiânia: Cânone Editorial.

Dobash, E. & Dobash R. (1997). Violence against women. In: O'Toole, L., & Schiffman, J. (Org.) *Gender Violence: Interdisciplinary perspectives* (pp. 266-278). New York: New York University Press.

Flusser, V. (2002). *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Furlani, D. D., & Bomfim, Z. A. C. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59

Furlani, D., & Bomfim, Z. A. (2013). Jovens de ambiente rural e urbano e sua realação com projetos de vida. In: Leite, J., & Dimenstein, M. (Org). *Psicologia e contextos rurais* (pp. 117-142). Natal, RN: EDUFRN, 2013

Leite, J.; Macedo, J.P.; Dimenstein, M., & Dantas, C. (2013). A formação em psicologia para atuação em contextos rurais. In: Leite, J., & Dimenstein, M. (Org). *Psicologia e contextos rurais* (pp. 27-55). Natal, RN: EDUFRN, 2013.

Maurente, V., & Tittoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 33-38.

Oliveira, O., & Prado, M. A. (2013). A categoria juventude em contextos rurais: o dilema da migração. In: Leite, J., & Dimenstein, M. (Org). *Psicologia e contextos rurais* (pp. 56-87). Natal, RN: EDUFRN, 2013

Ozella, S. (2003). *Adolescências Construídas: a visão da Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.

Park, R. (1979). “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: Velho, G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

Pizzinato, A., & Sarriera, J. C. (2003). Competência social infantil: análise discriminante entre crianças imigrantes e não imigrantes no contexto escolar de Porto Alegre. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 115-122.

Rolnik, S. (1994). *O que é a cidade*. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense.

Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372.

Silva, P. M., Tittoni, J., & Axt, M. (2013). Experimentações fotográficas: o tempo com tema-dispositivo na pesquisa com imagens. *Informática na Educação: teoria e prática*, 16(3); 203-216.

Stropassolas, V. L. (2006). O mundo rural no horizonte dos jovens. Florianópolis: Editora da UFSC.

Tittoni, J. (2011). O fotografar, a poética e os detalhes. In: Zanella, A. V.; Tittoni, J. *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Ed Dom Quixote.

2. SEÇÃO I

2.1. RURALIDADE E PROJETOS DE VIDA: O OLHAR DE JOVENS MULHERES

2.2. RESUMO

Este artigo traz a discussão de sobre o uso de fotografias como estratégia metodológica em uma pesquisa no interior do Rio Grande do Sul, que envolve jovens mulheres que vivem no meio rural. O objetivo fica em torno de como estas jovens constroem seus projetos de vida. Neste estudo, empregamos o recurso de entrevista narrativa de caráter compreensivo e o uso de fotocomposição como ferramentas metodológicas. A discussão está baseada nos pressupostos que envolvem um espaço para pensar os modos como o tempo pode ser explorado na fotografia. Partimos das imagens e das narrativas das meninas para problematizar os aspectos que elas habitam no seu espaço e no tempo de seus projetos de vida.

Palavras-chave: Juventude; Tempo; Fotocomposição; Projeto de Vida.

2.3. ABSTRACT

This paper presents the quarrel about the use of photographs as methodological strategy in searches in the interior of Rio Grande do Sul with, in fact with young women who live in rural areas. The goal is how these young people build their life projects. In this study, we used the narrative interview like a feature comprehensive character and the use of photocomposition methodological tools. The discussion is based on assumptions to think how time modes can be exploited in photography. We leave the images and the stories of the girls to discuss aspects of how they inhabit the space and the time of their life projects.

Keywords: Young; Time; Photocomposition; Life Projects.

2.4. Introdução

A produção desta escrita deriva de discussões elaboradas no Grupo de Pesquisa Identidade Narrativa e Comunidades de Práticas, que vem investindo em aproximações metodológicas para compreender as narrativas que se dão pela imagem. Dentro dessas discussões, surgiu a temática de imagens como suporte para tratar de narrativas sobre o Projeto de Vida de Meninas que Vivem no Meio Rural. Consideramos o tempo como conceito central na construção de significados em narrativas, bem como a reflexão sobre o efeito da fluidez da inscrição no papel fotográfico. As nossas indagações versam sobre aspectos da organização das narrativas de tais meninas e sobre os projetos vitais, sobretudo as que constituem as escolhas de vida.

Com isso, o panorama da ruralidade no Brasil é posto pela FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations), que indica que 45% das mulheres brasileiras maiores de 15 anos que vivem em áreas rurais estão ocupadas, e 10% delas trabalham em empregos rurais não agrícolas. Este tipo de emprego cresceu 29% entre as mulheres e 27% entre os homens no período 2000-2008, sendo assim é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, que se associam ao aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não agrícolas e ao aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimento (FAO, 2014; Silva, 1996).

Dessa forma, o trabalho da mulher rural no setor agrícola é um pouco invisível, porque as suas atividades e produtos estão muitas vezes relacionados ao seu papel como cuidadoras, em vez da economia de mercado. Com estes dados, temos uma séria barreira para formulação, concepção e implementação de programas e políticas eficazes que considerem o âmbito rural feminino e masculino com as necessidades e prioridades nas estratégias de desenvolvimento rural e agricultura (FAO, 2010).

Segundo a nota de políticas da FAO (2014), 53% das mulheres que estão ocupadas com empregos rurais não agrícolas são assalariadas (porcentagem que sobe para 75% no caso de homens). Destas, 29% trabalham por conta própria e 7%, sem remuneração, sobretudo se compararmos com a situação na agricultura, onde mais de 70% das mulheres que trabalham em empregos rurais não agrícolas têm menos de 45 anos. Pouco mais da metade delas são casadas ou vivem com um parceiro e mais de 80% vivem em domicílios de três ou mais pessoas.

Dessa forma, a dimensão do tempo em fotografia tece a transformação do movimento narrativo que dá visibilidade às marcas de tempo nas meninas, mediado pelo espaço de ruralidade. Pois entendemos o espaço rural que não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola, mas com as diversas modalidades de pluriatividade que antepõem questões de várias ordens. E muitas vezes associam o estatuto de trabalho por conta própria com o de empregado assalariado, resultando em um tipo difícil de classificar, tanto do ponto de vista profissional como social (Tittoni & Axt, 2013; Silva, 1996).

A proposta de desafiar as meninas a realizarem composições fotográficas no meio rural é importante porque possibilitamos a desacomodação, ou seja, ao buscar imagens que refletissem sobre seu cotidiano, elas pudessem refletir sobre o seu modo de vida vinculado a um entre-tempo². Neste desafio, percebemos a necessidade de discutir o projeto de vida destas jovens, pelo fato de que a juventude é um processo de transição para a vida adulta e resultado de construções sociais estabelecidas durante o processo de socialização, educacional e cultural. O projeto de vida destas jovens se torna um tema de importância, pois elas estão em contínuo processo de construção de si (Ozella, 2003).

Ao atrelar o âmbito do projeto de vida no contexto rural com jovens, propomos e desafiamos estas jovens para ato de fotografar o tempo dentro de um espaço e inscrevê-lo em uma linha de visibilidade e fixar o dizível em visível. Então, este desafio teve por intencionalidade tensionar linhas de visibilidade que circunscrevem o invisível em um plano visível, sobretudo para conhecer como é construído o projeto de vida destas jovens. Além disso, a utilização da imagem no campo da pesquisa faz com que se modulem espaços e proporcione-se desordem dentro de um plano, o que impede o reducionismo da pesquisa (Maurense & Tittoni, 2007; Silva, Tittoni, & Axt, 2013).

Um aspecto importante é ressaltar que as participantes foram desafiadas a “criar” a partir de um *tema-dipositivo*³ para a escrita de uma relação que tensiona as

² O entre-tempo é uma espera, uma expectativa de uma mistura de passado e futuro. Sobretudo o entre-tempo não é eterno, quando o tempo passa e leva o instante, aí há um “entre” que está a serviço de trazer a produção de sentidos, de escolhas e de criação de si (Axt, 2008).

³ Arranjo composto por linhas heterogêneas que marcam a capacidade de transformar em proveito de outro dispositivo, assim partindo de um tema para criar outro (Silva, Tittoni, & Axt, 2013).

lógicas do tempo e do enquadramento do espaço para o registro da fotografia. As imagens fotográficas possibilitam o domínio do tempo no instante da captura, definindo a fotografia como o instante que continua, ou seja, é produzida uma poética de tornar visível o tempo. Nesta dimensão, as meninas foram provocadas a capturar uma imagem em um entre-tempos: de passado e de futuro, onde se cruzam as composições, os significados e as formas de dar sentido ao tempo (Tittoni, 2011; Batchen, 2004; Geoff, 2008; Axt & Martins, 2008).

Nessa perspectiva, para fracionar a barreira do tempo e traduzir o instante em espaço infinito de possibilidades de existência, torna-se necessário dissociar a semelhança da similitude, ou seja, imagens que repercutem uma após a outra, por diferentes sujeitos – que cessam o instante fotográfico em modos de ver repetidos. Por isso a similitude nos atos fotográficos, em que as imagens são capturadas, deixam rastros dando consistência a formas inesperadas e ao mesmo tempo normatizadas, que não têm nem começo nem fim, tampouco hierarquia, apenas se propagam sobre as pequenas diferenças (Bergson, 2006; Silva, Tittoni, & Axt, 2013; Foucault, 1985).

Por outro lado, a semelhança estabelecida por um padrão que se torna visível e instituído, ora enunciado pela captura do tempo, ora descontínuo por afirmações que apoiam umas em cima das outras em um mesmo tempo e em diferentes imagens. Contrasta-se, nestas imagens, cópias todas às vezes mais fracas uma a partir da outra, que aos nossos olhos parecem prescrever uma sobre a outra a serviço de conhecer e reconhecer o que pode estar aí por trás desta semelhança. Desse modo, a imagem fixada em um tempo traz a intensidade do acontecimento que possibilita dar uma série de sentidos uma a partir da outra, dentro da perspectiva de passado e de futuro composta na imagem (Foucault, 1985; Silva, Tittoni, & Axt, 2013).

Inscrever o tempo e revelar em modos de papéis fotográficos nos mostra o mundo invisível ao olho nu, pondo em reflexão os modos de ver e existir. Estas visibilidades, que são suspendidas e evocam desejos, estão para além da evidência, mas para a permanência daquilo que representam. Para isso, o objetivo do observador é olhar para as imagens com se fossem janelas e as traduzir em narrativas circunscritas ao instantâneo, sendo que tais narrativas se entrelaçam à cronologia, à captura espacial para demarcar fotografias no tempo e ao que é suportável ao olhar (Flusser, 2002; Barthes, 1988).

2.5. Metodologia para ver o tempo e o espaço

Para a experiência de fotografar no espaço rural pressupomos uma aproximação metodológica da fotocomposição e de narrativas sobre a imagem, ou seja, as participantes foram desafiadas a criar uma forma sobre si mediada por um dispositivo. Da mesma maneira, a narrar a sua existência no tempo e no espaço, a fim de produzir e reproduzir seus projetos de vida.

Para isso, foi utilizada uma metodologia qualitativa de pesquisa onde foram escolhidas imagens que tivessem o tema central de tempo e espaço, que previamente foram dispostos em temas-dispositivos. Ainda, este artigo é fruto de um estudo mais amplo desenvolvido pelo grupo de pesquisa Identidade e Narrativas e Comunidades de Práticas (INCP), *Etnicidade e ruralidade na construção de trajetórias educacionais e projetos vitais de jovens mulheres*, que busca problematizar as questões da ruralidade. Com isso, foram realizadas entrevistas em quatro cidades do Estado do Rio Grande do Sul, com jovens mulheres que viviam no meio rural, envolvendo 10 meninas. Neste processo, dividimos em três etapas: a primeira consiste em uma entrevista narrativa, a segunda é o processo fotográfico a partir de temas-dispositivos e a terceira etapa é a entrevista narrativa sobre as fotos produzidas.

Com isso, foram escolhidas fotos destas entrevistas que possibilitam o percurso de discussão entre espaço e tempo. Dentro destes temas-dispositivos, pensamos em possibilitar a experiência do ato fotográfico, com pressupostos da fotocomposição, a fim de dissecar a imagem e construir o cenário de tempo espacializado para a construção de significados (Bakhtin, 2000).

O plano óptico aproxima a imagem fotográfica da imagem formada ao olho nu e, ao fixar um estado desta imagem, se escapa à visão normal, e dessa forma se dá o acesso ao inédito Aumont, (1998). A operação fotográfica corresponde a uma série de escolhas e manipulações feitas, além da escolha do tema, do foco e do tempo de exposição. São escolhas, segundo Joly (1999), que provam que se constroem a fotografia e sua significação. E o sentido é construído de maneira convencional e cultural pelo jogo entre estes parâmetros. Para Dubois (1990), uma foto pode ser considerada uma prova de existência, mas nem por isso uma *prova de sentido*.

Com isso, podemos considerar a fotografia como um tipo de linguagem escrita de uma ficção, que se apresenta como verdadeira e de forma peculiar provocando tensão entre os temas-dispositivos: passado e futuro. Dentre isso, a máquina fotográfica tem

como objetivo a inscrição no papel fotográfico e situa as experiências de produção de práticas discursivas e tecnológicas de um sujeito que observa e constitui uma forma diferente ao hábito de ver, possibilitando, assim, as composições de narrativas visuais e de linhas de forças no modo de ver o tempo (Fontcuberta, 2010; Diehl, Maraschin, & Tittoni, 2009; Batchen, 2004).

Possibilitamos, então, uma aventura em que as jovens experimentaram tornar visível o tempo, sobretudo com o objetivo de identificar os discursos que organizam os projetos de vida de tais meninas. Ademais, esta complexidade entre tempo e projeto de vida possibilita conexões entre tempo e espacialidade, em uma perspectiva de desenvolvimento de tempo e imagem em um mundo em que o tempo é introduzido como significado dos aspectos de vida. Tais aspectos respondem por significados de projetos de vida.

Ver o tempo e perceber o preenchimento do espaço em uma dimensão de entre-tempos é mostrar o seu percurso através da lente fotográfica, com todas as necessidades de completude abrangentes para o passado e para o futuro, dentro do espaço rural. Sendo assim, a tarefa de estabelecer as relações entre o tempo e a narrativa, dentro de um espaço, para Ricoeur (2000), lança a ideia de que a experiência permaneceria espalhada na opacidade se estivesse ausente de marcadores culturais do espaço. Com isso, o mesmo autor relaciona o tempo como, de fato, um caminho mediado simbolicamente por fatores culturais, e os limites dos materiais fotográficos como elementos organizativos da experiência em vista do significado.

Sendo assim, a espacialidade⁴ do tempo propicia a descrição do contexto rural e desenrola uma narrativa específica, que situa dentro do projeto de vida um diálogo que se move em um entre-tempo. Enquanto que a imagem é situada em um lugar de tempo-movimento, que, para Bakhtin (2000), se relaciona ao espaço onde as várias histórias se inscrevem. Sobretudo ao movimento que não se reduz ao espaço pormenorizado a um tempo pontual, mas é lugar no próprio tempo no próprio ato de fotografar, configurando a ideia de *cronotopo*, em que Bakhtin (2000) discute a visão do sujeito individual e

⁴ A escolha que o fotógrafo faz de elementos do mundo para serem fotografados. Com autonomia na relação fotógrafo e o contexto e uma inscrição direta na narrativa sobre a imagem, e oferece à realidade comum novas possibilidades de ser no mundo (Ricoeur, 2000).

privado dentro de um espaço de tempo, que, por vezes, tem função de múltiplas vivências, com uma visão sobre o sujeito que se define pela esfera social e corresponde a um determinado tempo coletivo e partilhado do contexto rural.

O espaço rural é alvo de bastante discussão entre as definições e conceitos. Algumas ressaltam os modelos econômicos (produtivista), outras modelos de espaço de agricultura de desenvolvimento (territorial) (Favareto, 2007). Com estas largas concepções sobre ruralidade, tanto a visão produtivista quanto a visão territorial delineiam visões desiguais e de diversas realidades concretas. Pois o espaço rural é um espaço que não é determinado, tampouco a considerar a ruralidade não mais como uma realidade empiricamente observável, mas como um espaço de produção de si no mundo (Carneiro, 1998).

Em consonância com essas realidades, discutimos neste trabalho a dimensão do rural através do olhar de meninas que vivem nestes espaços, pois a juventude apreende significados e compreensões. Com esse intuito, pensamos o espaço rural a partir da visão feminina e como estas meninas dão sentido à forma de ser. É importante ressaltarmos que não há uma definição estagnada, sobretudo para a formação e compreensão do espaço rural derivada/compartilhada com a visão feminina. Nos parágrafos seguintes é dado o panorama sobre essa discussão.

Nesta dimensão, as mulheres ocupam um espaço de não só "cultivar, vender e comprar alimentos, tão pouco de preparar a comida" (Bunch e Mehra 2008), mas também estão cada vez mais envolvidas em empresas agrícolas que contribuem para a economia agrícola e comercial (Momsen, 2004). Estima-se que as mulheres são responsáveis pela produção de metade dos alimentos do mundo e a maioria – entre 60 a 80% – de culturas alimentares nos países em desenvolvimento. Já no Brasil estes dados são de 62% de mulheres que são responsáveis pela produção agrícola e comercial, enquanto que 38% estão relacionadas com atividades remuneradas não agrícolas.

O emprego rural não agrícola engloba todos os habitantes de áreas rurais que trabalham fora do setor primário (agricultura, pecuária, silvicultura, caça e pesca). As mulheres que trabalham nos empregos rurais não agrícolas geram renda que é essencial para sua autonomia econômica e para a segurança alimentar de suas famílias. Entretanto faltam políticas específicas para melhorar suas condições de trabalho, que reflitam em mudanças na estrutura trabalhista rural (FAO, 2014).

Desse modo as mulheres enfrentam discriminação explícita ou implícita para acessar recursos produtivos como crédito e extensão. Elas, muitas vezes, também

enfrentam discriminação salarial nos mercados de trabalho rurais e, com maior frequência do que os homens, também têm acesso a postos de trabalho temporários e sazonais. Portanto, é importante a discussão dos pressupostos de gênero em complementaridade de inversão de conhecimentos e de experiências em matéria de gênero (Silva, 1999).

Com este panorama, no âmbito da mulher no meio rural no Brasil, torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos, da mesma forma que delimitar urbano e rural, a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais. No entanto, tal processo não resultaria numa homogeneização que reduziria a distinção entre o rural e o urbano a um *continuum* dominado pela cena urbana. Com isso não se pode falar de ruralidade em geral, pois ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos (Carneiro, 1998).

2.6. Experiência de fotografar no rural

As fotografias ocuparam um lugar e um modo de ver que possibilitam visibilidade sobre os detalhes que ampliam as ideias sobre a ética do ver, pois constituíram um trabalho coletivo pelas meninas que realizaram o desafio (Sontag, 2004). Neste coletivo, ora compartilharam o mesmo tempo, ora os mesmos espaços e, sobretudo, manusearam o símile instrumento.

A retina, segundo o efeito sobre ela exercido pela luz ou escuridão, se encontra em dois estados inteiramente opostos. Quando mantemos os olhos abertos num quarto totalmente escuro, sentimos uma certa ausência [...]. Ao voltarmos os olhos para uma superfície intensamente iluminada, eles se ofuscam [...]. Dessa maneira, cada um desses estados extremos ocupa toda a retina e, nessa medida, percebemos um só de cada vez (Goethe, 1993, p. 52).

No desassossego da produção fotográfica foram produzidas narrativas pelas meninas, que se ofuscavam no processo de construção das imagens, porém tais construções diziam sobre o processo decisivo do ato fotográfico. Flusser (2002) discute a manipulação do aparelho fotográfico como um gesto técnico que articula conceitos

que transcodificam⁵ as imagens. Nesse sentido, argumenta Flusser (2002) que não há ingenuidade na fotografia, pois o aparelho obriga o fotógrafo a agir conceitualmente com toda a intenção estética, política e epistemológica. Com isso, as possibilidades fotográficas se tornam inesgotáveis, e a narrativa salta sobre a dimensão espaço-tempo e esbarra com a decisão de compor outros pontos de vista (Flusser, 2002).

Dentro disso, a *Laura* ao produzir uma narrativa de suas imagens, rearticula a produção de sentido sobre a imagem, contudo se desacomoda e produz novos sentidos sob a luz da composição:



Figura 1 – Diploma

“Deixa eu ver aqui. Futuro eu acho que é essa aqui! Não tô bem lembrada! Mas eu tirei do canudo da minha irmã que ela fez... formatura, né. Isso é ter um bom futuro. Conseguir se formar, ter um bom plano de vida. Acho que é isso.”

Sobre o futuro, a mesma participante, ao produzir a narrativa sobre a mesma imagem, relata que:

“Olha! Eu tiraria foto do meu pai e do meu irmão mesmo. Passando o exemplo de pai para o filho. E mãe também! Do meu irmão, com a minha

⁵ Traduzir cenas em processos (Flusser, 2002. pg. 8).

irmã! Pra mim é isso... Mas como meu pai e minha mãe não quiseram tirar foto, então...”.

As falas das participantes clarificam que as fotografias feitas se relacionam com eixos orientadores (Furlani & Bomfim, 2010) que significam uma visão de futuro com anseios a respeito de um discurso que é antecipado e que incorpora significados vinculados à realidade. Porém, ao se deparar com a discussão de sua realidade, a jovem reflete sobre seu projeto de vida. Dentro de sua realidade social, tal projeto ocupa um lugar de protagonista e faz com que se abra um campo de possibilidades, levando o jovem ter mais de um projeto de vida (Velho, 2003).

Com isso, a mediação da fotografia sobre a narrativa promove uma ressignificação pela imagem, sobretudo uma produção a partir da imagem fotografada. Pois a encruzilhada entre o dizível e o visível que constrói formas de reflexão e intervenção sobre o futuro se entrecruza com o passado. Este passado se torna presentificado, ao passo que o presente se refere a um futuro cheio de potência para a jovem refletir sobre suas escolhas (Sawaia, 2009).

A relação do espaço e tempo está relativa a jogos determinantes que tensionam o uso da máquina fotográfica no contexto rural. Sobretudo, relativos às especificidades de expressão, e coloca em jogo determinantes, entendidos como correlações de força no domínio da conduta, que articulam não só os agentes envolvidos, mas implicam uma dimensão epistemológica, que, no caso da fotografia, se refere a uma posição de observação que o artefato da fotografia estabiliza, deslocando o estatuto do plano que produz em direção a um realismo (Diehl, Maraschin, & Tittoni, 2009).

Ao tecer projetos de vida as pessoas tomam conta de sua própria vida e entram em contato com o risco de enfrentar a diversidade decorrente de possibilidades. Tais possibilidades responsabilizam o sujeito com a sua própria reflexividade e perpassam uma escolha que não se desvincula de um grupo ou contexto (Giddens, 2002). Quando esta reflexividade sobre si não acontece, segundo Sawaia (2009), o desejo passa a ser percebido como obstáculo.

Na produção fotográfica, *Isabela* construiu uma composição relacionada ao passado e o futuro dentro de uma mesma dimensão:



Figura 2 – Passado



Figura 3 – Futuro

Esta jovem, na ocasião da pesquisa, estava bastante preocupada com as questões de saúde e de moradia, pois relatava que a mãe tinha problemas de saúde e que tinha um irmão com necessidades especiais. Percebemos, portanto, que a vontade de permanecer no lugar onde vivia é um fator motivante pelas questões de cuidado com a família:

“Sei lá... eu sinto que eu tando perto da mãe eu tô bem, entende? Mas é... seria um modo de eu ajudar, entende? Nem que seja... sei lá... não digo assim... nos serviços... mas na vida, entende?” (*Isabela*).

Com isso, coexistem diferenciados estilos de vida e visões de mundo que são múltiplos e plurais dentro do mundo do próprio sujeito. Sujeito que transita em vários planos (família, comunidade, amigos) e assume diferentes papéis (Ciampa, 2001). Ademais, os projetos de vida podem ser passíveis de transformações em uma relação

onde entendemos que os projetos mudam as pessoas. Tendo em vista isso, a intervenção fotográfica pode ser pensada como uma maneira pela qual a jovem constitui a partir de si mesma, já a produção de narrativa sobre a imagem diz de uma relação consigo e sua produção (Dreyfus & Rabinow, 1995).

2.7. Considerações finais

Ao trazermos a discussão sobre projetos de vida com a interlocução das imagens fotográficas, propomos o desafio de tornar visível o que pode ser dito, ou seja, uma provocação de trazer para o plano das imagens o sensível de cada participante desta pesquisa.

Nesse processo, pensamos como um momento de reciprocidade entre o fotógrafo e a imagem, para que um complemente o outro. E dessa forma seja possível compor dentro de uma perspectiva dinâmica de tempo, onde o passado se mescla com futuro e que estão perpassados por uma ideia de espaço, onde as fotografias instauraram os movimentos de inscrição e de narração sobre as imagens.

Salientamos que o estabelecimento de uma interlocução entre esses aspectos pode ser importante para que as potências de produção sejam pela via da criatividade e de reflexão sobre os planos de vida de cada menina. Na forma com que elas façam escolhas que promovam sentido para suas novas possibilidades.

Neste desafio de criar, algumas imagens surgiram como derivação, ou seja, imagens que se repetiram durante a pesquisa em diferentes cidades. Essas imagens, embora não estivessem nos nossos temas iniciais, se apresentaram para nós, principalmente nas formas de ser. Impulsionadas por um fluxo balizado pelo meio urbano, o que acarretou em algumas dificuldades nos traços estabelecidos pelos projetos de vida.

Entendemos esses traços como se fossem linhas em curvas inclinadas a uma via de planejamento para o futuro, porém com uma formação de sentido que é influenciada pela escola, pela família e também por nós, como pesquisadores. Estas imagens dizem de um plano em que a produção não cessa com esta pesquisa, sobretudo potencializa o contraste do debate entre o meio rural e urbano.

Ainda sobre as imagens repetidas, muitas delas foram apresentadas com uma imagem um tanto romantizada de plano de vida. Pois nas narrativas sobre as mesmas foi

possível pensar uma relação de discursos em que ter uma família, ter um emprego, ter uma casa, um carro e um marido estão colocados como critérios para o êxito dos projetos de vida.

Em contrapartida, conseguimos proporcionar um espaço criativo em que as jovens produziram muito sobre si. Essa produção ocorreu de forma bem aceita por utilizarmos uma ferramenta que as desafiava, contribuindo assim para a pesquisa e para a discussão sobre metodologia(s) de pesquisa com produção de significados para si.

No entanto, a dificuldade que enfrentamos, neste estudo, foi justamente no espaço de tempo. Muitas vezes se passavam alguns dias para que as fotografias estivessem reveladas, fazendo com que novas narrativas fossem construídas por esta fissura sem um fechamento no tempo.

2.8. Referências

Axt, M., & Martins, M.(2008). O. Coexistir na diferença: de quando a formação em serviço pensa modos de habitar a sala de aula. In: Trindade, I. & Faviero, M. (Org.). *Múltipla Alfabetizações e Alfabetismos*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Aumont, J. (1998). *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1998.

Bunch, S., & Mehra, R. (2008). Women help solve hunger: Why is the world still waiting. *International Center for Research on Women (ICRW)*.

Bakhtin, M. (2000). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Barthes, R. (1988). *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Batchen, G. (2004). *Arder en deseos: La concepcion de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

Carneiro, M. J. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*.

Ciampa, A.C. (2001). A estória de Severino e a História da Severina. 7a ed. São Paulo: Brasiliense.

Bergson, H. (2006). *Pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes.

Dubois, P.(1994). *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1994

Diehl, R., Maraschin, C., & Tittoni, J. (2009). Planografias em pesquisa: mapas e fotografias na saúde mental. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13(30), 79-91.

Dreyfus, H., Rabinow P. (1995). *Michel Foucault Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária

FAO. (2010). Gender equality: Ensuring rural women's and men's equal participation in development. *Rome: Food and Agricultural Organization.*

Favareto, A.S. (2007). *Paradigmas do desenvolvimento rural em questão.* São Paulo: Fapesp/Iglu.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade.* Rio de Janeiro: Zahar.

Goethe, J. W. V. (1993). *Doutrina das cores.* São Paulo: Nova Alexandria.

Flusser, V. (2002). *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.* Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Fontcuberta, J. (2010). *O beijo de Judas : fotografia e verdade.* Barcelona: GG.

Foucault, M. (1985). *Isto não é um Cachimbo.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Furlani, D. D., & Bomfim, Z. A. C. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59.

Geoff, D. (2008). *O instante contínuo.* São Paulo: Companhia das Letras.

Joly, M. (1999). *Introdução à análise da imagem.* São Paulo: Papirus.

Kirst, P. (2000). *Fotográfico e subjetivação: hibridização, multiplicidade e diferença.* 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Maurente, V., & Tittoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 33-38.

Momsen, J. H. (2004). *Gender and development.* Psychology Press.

Ozella, S. (2003). *Adolescências Construídas: a visão da Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.

Ricoeur, P. (2000). *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70.

Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372

Silva, J. F. G. (1996). Por uma reforma agrária não essencialmente agrícola. Rio de Janeiro: Agroanalysis (FGV).

Silva, P. M., Tittoni, J., & Axt, M. (2013). Experimentações fotográficas: o tempo com tema-dispositivo na pesquisa com imagens. *Informática na Educação: teoria e prática*, 16(3); 203-216.

Silva, J. F. G. (1999). *O novo rural brasileiro*. Campinas: Unicamp/IE.

Sontag, S. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Tittoni, J. (2011). O fotografar, a poética e os detalhes. In: Zanella, A. V.; Tittoni, J. *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Ed Dom Quixote.

Velho, G. (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3a ed. Rio de Janeiro: Zahar.

3. SEÇÃO II

3.1. PROJETOS VITAIS DE JOVENS MULHERES DO ÂMBITO RURAL: UMA APROXIMAÇÃO COM O USO DE FOTOCOMPOSIÇÕES⁶

3.2. RESUMO

O artigo apresenta o reconhecimento de marcadores identitários presentes nos discursos e nas produções de imagens sobre si de jovens mulheres de zonas rurais do Estado do Rio Grande do Sul. O processo de pesquisa-intervenção contemplou narrativas de caráter autobiográfico e fotocomposições realizadas pelas participantes, pelas quais se buscou integrar aspectos de suas trajetórias acadêmicas, projetos vitais e profissionais, escolhas de vida e demandas culturais e comunitárias que influenciavam no processo de construção de seus itinerários vitais. A aproximação a este grupo, comumente à margem da produção do saber em Psicologia, permitiu verificar como determinados marcadores identitários despontaram de maneira tradicional em seus discursos, além de desmistificarem o antagonismo urbano/rural. Neste trabalho, a produção fotográfica, entendida como composição narrativa, destacou-se pelo caráter autoral das séries de fotos e o despontar de signos compartilhados pelas participantes, principalmente no que tange às questões de gênero, projeto de futuro, família e lazer.

Palavras-chave: ruralidade; identidade; juventude; fotocomposição.

⁶ Agradecemos à PUCRS pelo financiamento do projeto: “*Etnicidade e ruralidade na construção de trajetórias educacionais e projetos vitais de jovens mulheres*”, que gerou este artigo.

3.3. ABSTRACT

This article introduces the recognition of identity markers present in discourse and in the images of themselves of young women from rural areas of the state of Rio Grande do Sul. The process of intervention-research contemplated autobiographical character narratives and photocomposition made by participants, by which they sought to integrate aspects of their academic trajectories, vital and professional projects, life choices and cultural and community demands that influence in the process of building their vital routes. The approach to this group, commonly on the sidelines of the production of knowledge in Psychology, has shown how certain identity markers emerge in traditional ways in their speeches, besides demystifying urban/rural antagonism. In this work, the photographic production, understood as narrative composition, stood out by the copyright character from photo series and the emergence of signs shared by participants, mainly with regards to gender issues, future project, family and leisure.

Keywords: Identity; Rural; Young; Photocomposition

3.4. Introdução

Na produção deste artigo pretendemos apresentar discussões acerca do espaço rural e as narrativas que fortalecem projetos de vida de jovens mulheres através do recurso da fotocomposição. Um projeto de vida pode ser entendido como um conjunto de concepções constituídas como subsistema psicológico da pessoa em suas dimensões essenciais da vida, e abrange idealizações sobre o que alguém espera ser ou realizar. Estabelece relações com o meio através das possibilidades internas e externas de alcançar suas aspirações, projetando-se para o futuro como uma visão antecipatória de acontecimentos (Velho, 2004).

O projeto vital tem por base uma realidade construída na intersecção das relações que o sujeito estabelece com o mundo, constituído, pois, por um conjunto de aspectos que estruturam o campo psicossocial. A discussão de projeto de vida se constitui em perspectiva de identificação e nas relações sociais entre os jovens. Na juventude, em especial, as noções de pertencimento e diferenciação se constituem em processos identitários fragmentados e discursos polissêmicos sobre si (Hernández, 1998; Nascimento, 2006).

Esses aspectos tornam-se muito relevante quando refletimos acerca da juventude, etapa da vida caracterizada por intensa troca de experiências e mudanças, na qual o indivíduo está sujeito a novas demandas. Neste processo de reconhecimento de si cabe pensar a identidade como processo indissociável do conceito de alteridade, ou seja, como aspecto que se define em um espaço comunicacional de *fronteira* (Bakhtin, 1986). Esse processo dialógico, que pressupõe o estabelecimento de relações entre diversas formas de ser, nos faz pensar em um espaço comunicacional como cruzamento de distintas vozes, posições e maneiras de ver o mundo (Arnett, 2007).

Com isso, a dimensão psicológica de concepção e reconhecimento do projeto de vida pode ser entendida, nesse contexto, como um construto dinâmico e mutável, como defende uma perspectiva dialógica de concepção de sujeito (Araujo & Sperb, 2009). Dentro da perspectiva de possibilidade de criação de narrativas sobre si mesmo, esta é considerada uma forma de distinção dos seres humanos, e está intrinsecamente relacionada com as maneiras de interação com o meio na perspectiva dialógica (Souza & Gomes, 2009).

A *narratividade*, nesse pressuposto, é entendida por um viés ontológico, manifestando-se em um processo pragmático e dialógico de comunicação, no qual se nutre destes artefatos acumulados historicamente, mas reinterpretados e reorganizados na singularidade do cotidiano dos sujeitos. Esses artefatos propõem reflexões por dentro de um

jogo de forças entre o que é visível e o que é dizível, sendo preciso abrir as palavras dos sujeitos para provocar diferentes combinações dialógicas (Cole, 1999).

Esta concepção de sujeito plural, atravessado por diversos discursos que lhe fazem conceber relações com outras pessoas e constituir uma imagem própria, tem suas raízes em autores clássicos da Psicologia, como Mead (1934/1989), que concebia a identidade como uma interiorização de papéis e funções sociais. A identificação de alguém com um grupo, local, ou ocupação, pressupõe diferenciar o que é seu do que é dos demais, já que a definição que fazemos de *nós* depende daquilo que consideramos que nos diferencia dos *outros*.

Nesse sentido, cabe também abordar as marcas identitárias ligadas à categoria gênero, relacionadas a masculinidades e feminilidades possíveis no contexto cultural. Strey (2001) aponta que categorias de gênero referem-se às expectativas e possibilidades abordadas pela cultura, refutando o caráter essencialista da diferenciação entre homens e mulheres baseada em dicotomias biológicas. Gênero, assim, é a simbolização do corpo biológico através de sentidos de masculinidade e feminilidade disponíveis no discurso vigente, designando, em nosso contexto ocidental, significados possíveis para “ser homem” e “ser mulher” (Strey, 2001).

Meyer (2011) descreve que a vinculação dos papéis de gênero ao sexo biológico tem a base na sociedade ocidental do século XVIII, a qual sustentava uma forma de vida social baseada na família mononuclear e heterossexual, e que necessitava da reprodução sexual para sua legitimação. A “invenção da maternidade” tem sua origem neste período, onde se passa a exaltar o papel de mãe como inato às mulheres, sendo elas as responsáveis pela criação e cuidado dos filhos e, dessa forma, da continuidade e da moral da família (Scavone, 2011).

Com o avanço da sociedade industrial do século XIX, juntamente com a inserção da mulher no mundo do trabalho, é que a noção de maternidade inata às mulheres inicia sua desconstrução. Sobretudo, com esse avanço as mulheres passaram a ter autonomia de decisão sobre a possibilidade de uma maternidade reflexiva e de uma busca de equidade na responsabilidade parental, porém percebemos ainda a predominância das mulheres nas tarefas relacionadas ao cuidado dos filhos (Scavone, 2011).

O cuidado como uma tarefa de predomínio feminino, para Guedes e Daros (2009), é vinculado aos papéis que as mulheres exercem no núcleo familiar – mãe, filha, tia, irmã – e está ligado ao processo histórico de preservação da família. Para as autoras, o ato de cuidar e de maternagem, a fim de preservar a vida do outro, torna-se prioridade e distancia a mulher de seus próprios planos e sonhos. (Guedes & Daros, 2009).

Riscado e Peres (2008) ressaltam que os contextos culturais e sociais carregam modelos valorizados e desvalorizados do “ser homem” e “ser mulher” e quase sempre apontam a uma perspectiva hierárquica que não se restringe a questões biológicas, mas transcende a um processo social de valorização do modelo masculino. Essas relações mostram-se de maneira evidente em estudos como o de Paixão, Santos & Ramos (2008), que observaram que os jovens podem trazer valores tradicionais e hierarquizados das maneiras de “ser homem e mulher” ao mesmo tempo em que compartilham outros discursos sobre as formas de viver na contemporaneidade.

O fato de práticas sociais serem previamente definidas como sendo masculinas ou femininas pode estabelecer premissas coercivas para os referenciais sociais de ser homem e de ser mulher. A representação sobre o masculino e feminino, dessa forma, contempla a dicotomia liberal entre público e privado, na qual os homens são destinados ao primeiro e as mulheres ao segundo, ficando, portanto, mais restritas quanto às possibilidades de exercício de poder econômico e simbólico (Aboim, 2012).

As relações dessas práticas sociais repercutem em questionamentos sobre os projetos de vida, especialmente para o jovem, para quem o ingresso no ensino superior se apresenta como uma possibilidade de futuro (Barros, 2010). Outra possibilidade que se pode conferir às jovens, segundo Lopes & Soares (2011), é a constituição de uma família. Levando em conta que a família é uma peça fundamental para a compreensão e constituição do projeto de vida, uma vez que os sujeitos não podem ser entendidos fora de seu contexto (Wagner, Falcke & Meza, 1997).

Com isso, é na família que repousa o sentimento de ambiguidade dos jovens em sair de casa e buscar a independência financeira desejada com a continuidade dos estudos, que significa, socialmente, a passagem para vida adulta. Decerto as concepções de família estão perpassadas por diversas variáveis socio-histórico-culturais, modificando-se constantemente. Nos anos 60, a família padrão brasileira de classe média era uma família definida por papéis e funções bem delimitadas, tanto para os homens quanto para as mulheres, e o amor do casal deveria durar até que a morte os separasse (Barros, 2010; Stangel & Tozo).

Esse modelo familiar sofreu algumas modificações e hoje possui papéis e padrões de funcionamento menos rígidos e claros, funcionando com maior equivalência entre os membros buscando relações de respeito e igualdade. A valorização dos desejos individuais dos integrantes da família tem aumentado o nível de tensão e conflitos familiares atualmente, uma vez que os papéis e as obrigações podem ser discutidos, negociados e revistos. Todavia,

apesar de muitas possibilidades, as famílias continuam com valores tradicionais e normativos (Stengel & Tozo, 2010).

Em um contexto rural, o casamento possui um papel importante no processo sucessório de bens e terras, e demonstra como as mulheres ocupavam um espaço de inferioridade no sistema familiar. O que produz e reproduz a sociedade patriarcal, todavia com os movimentos contemporâneos de lutas pelos direitos da mulher há uma redefinição e um questionamento, principalmente por parte dos jovens, de padrões e noções sobre o sistema familiar e a relação dos gêneros no núcleo familiar (Stropasolas, 2004).

Sob essas perspectivas teóricas, este estudo discute o reconhecimento de marcadores identitários em uma pesquisa com jovens mulheres em idade escolar de zonas rurais do Estado do Rio Grande do Sul. Para isso, se estabelece inicialmente uma interface entre os conceitos de território, identidade e juventude, juntamente com os pressupostos de gênero, buscando integrar posteriormente aspectos culturais e comunitários que influenciam no processo de construção de seus itinerários vitais. Adentrando em um território existencial, no qual aspectos identitários estão intrinsecamente relacionados a processos de diferenciação.

As temáticas vinculadas ao âmbito rural são trabalhadas aqui com o intuito de desnaturalizar a usual dicotomia entre rural e urbano – paradigma da construção do saber psicológico. Tal dicotomia classificaria o *espaço rural* como aquilo que não é urbano, sendo definido, por exemplo, a partir de carências e não de suas características. As revisões de concepções tradicionais de ruralidade aproximam-se mais de uma concepção contemporânea de sujeito e exigem pensar o ser humano como permeado por diversas articulações discursivas (Carneiro, 1998).

Entende-se que a apropriação de um determinado espaço se constitui a partir da significação que determinada pessoa estabelece para si e para os outros. Portanto, o território está compreendido como espaço de representação e de ação, situados em uma fissura entre jogos de forças (Souza & Pedon, 2007). Nesse sentido, Carneiro (1998) reforça a necessidade de repensarmos a relação binária, na qual o rural é concebido como oposto ao urbano.

Dessa forma, discutimos um conceito de ruralidade, no entanto, por meio da concepção de que os espaços são definidos a partir da interação entre diversas forças sociais, que contêm conflitos e contradições advindos da relação e interação dessas forças. Assim, devemos voltar a análise para os agentes sociais que fazem parte deste processo (Carneiro, 1998).

Já, voltadas ao contexto de ruralidade, temos as identificações vinculadas a uma realidade, na qual convivem concepções tradicionais referentes à vivência cotidiana,

marcadas, por exemplo, pela intersecção entre o contexto rural e informações massificadas a partir tecnologias de informação e mobilidade humana (Souza & Pedon, 2007). Considerando que identidades contemporâneas desenvolvem-se a partir da interiorização de múltiplos discursos, e que podem ser complementares ou dissonantes, vemos a possibilidade do confronto e da mescla de questões vinculadas a determinados padrões culturais, com valores territoriais e locais (Pizzinato, 2008).

A emergência desse arranjo social que compõe possibilidades e impossibilidades aos sujeitos é mais bem contemplada tomando-se como base uma noção plural de identidade. Dessa forma, ao pensar-se a juventude em áreas rurais, enfrenta-se o desafio de abarcar as especificidades territoriais desses diferentes contextos. É importante ressaltar que, quando falamos de território, nos referimos à apropriação simbólica de determinado espaço físico por uma população ou grupo realizada a partir de ligações afetivas e identitárias (Souza & Pedon, 2007).

Essa concepção tem como pressuposto o contexto cultural dos sujeitos, que está intimamente relacionado ao entendimento de território como construto de identificação. Somadas as estas ideias, os mecanismos identitários, como grupos rurais, exigem estabelecer modos de compreensão discursiva que atendam à sua diversidade. Nesse sentido, emprega-se o conceito de polifonia e entende-se que: enquanto as jovens se reconhecem pertencentes de determinado grupo, tecem-se redes de significados e modos de subjetivação do *eu/nós/elas* compartilhados, através de diferentes vozes, apropriações e reproduções discursivas, disponíveis em seus marcos culturais (Bakhtin, 1986).

A opção metodológica desta pesquisa busca compreender essas composições de significado para além do discurso verbal, orientando-se ao uso da fotocomposição intercalada com entrevistas de caráter biográfico, a fim de ampliar o viés compreensivo das diferentes vozes e linguagens presentes nos discursos das participantes. A fotografia, por ser uma forma de produção cultural acessível que permite evidenciar e suscitar com mais intensidade diversas temáticas que estão ocultas na narrativa verbal (Neiva-Silva & Koller, 2002), opera na função de um dispositivo para a narrativa sobre a imagem.

Achutti (2004) defende que, tradicionalmente, a fotografia foi usada como ferramenta de pesquisa de caráter secundário e ilustrativo, cabendo às verbalizações o predomínio nas pesquisas em Ciências Humanas. A opção pela utilização de imagens integradas com entrevistas permite compreender melhor o processo de criação das mesmas, as direções dos olhares das autoras e seus saberes (Neiva-Silva, 2003; Maurente & Tittoni, 2007).

Considerando tal processo metodológico, usa-se ainda a concepção bakhtiniana de *cronotopos*, para melhor estabelecer o tempo que reside no reconhecimento de cada pessoa, constituindo-se como cenário para a construção e significação discursiva (Bakhtin, 1997). O estabelecimento de um cenário permite relacionar o processo de autoria, ou seja, de subjetivação entre as pessoas, e o ambiente social e cultural no qual se desenvolvem. Dessa forma, podemos compreender o tempo como elemento que participa da constituição da subjetividade, na qual determinados acontecimentos, fenômenos e interações sociais que são constituintes de um espaço.

Outro ponto a ser considerado nessa leitura *cronotópica* é a relação das participantes com o ato de fotografar, ou seja, o experimento fotográfico como forma de as pessoas entrarem em contato com aspectos de suas vidas, onde o processo autoral revela-se essencial. Dessa forma, ressaltam-se construções sobre o viver em um contexto rural, onde determinados marcadores são evidenciados e compartilhados. Considera-se que o ato de fotografar possibilita às participantes uma “operatividade ao exercício de autoria” (Maurente & Maraschin, 2008, p 42).

Nessa perspectiva, procuramos compreender e contextualizar esta posição como uma forma também narrativa sobre sua noção de si em um processo de produção pela pesquisa. Esta relação de autoria pode estar situada nas participantes como aquelas que respondem a uma demanda histórica, operando ao nível dos discursos estabelecidos, mas também pode ser entendida como possibilidade – sustentada pela própria pesquisa (Maurente & Maraschin, 2008).

O estudo das fotografias é entendido aqui como uma aproximação às representações de significações inerentes ao *self* e, simultaneamente, às narrativas, por seu aspecto polissêmico (múltiplos significados em cada enunciado) e polifônico. Segundo a perspectiva dialógica, referir-se à polifonia supõe falar de uma sociedade dentro do *self* onde a subjetividade se demarca e se reconstrói no diálogo inerente entre as diversas vozes que compõem a cultura (Hermans, 1999; Marková, 2006).

Neste artigo, portanto, buscaremos relatar o resultado das discussões e intervenções realizadas com um grupo de jovens residentes no âmbito rural gaúcho. Esta produção possibilitou a compreensão de seus projetos de vida, em consonância com as entrevistas realizadas, permitindo descobrir especificidades da juventude feminina em âmbito rural em um contexto globalizado de experiências de vida.

3.5. Método

Neste estudo, participaram 10 jovens de municípios de zonas rurais do Rio Grande do Sul, concluintes dos ensinos fundamental e médio, com idades entre 13 e 18 anos. Escolhemos, por conveniência, quatro cidades do interior do Rio Grande do Sul (Uruguaiana, Encruzilhada do Sul, Roca Sales e Ivorá). As participantes foram contatadas com a mediação das escolas e aos seus responsáveis foi solicitado firmar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Da mesma forma que para cada uma delas foi apresentado outro TCLE, que explicava os objetivos da pesquisa e os procedimentos que foram realizados para o estudo, ressaltando seu caráter voluntário o sigilo sobre os dados da pesquisa. Ainda, para a execução da pesquisa contamos com o aval das escolas nas quais as meninas eram estudantes, sobretudo o projeto de pesquisa teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

A construção do *corpus* a ser analisado partiu de duas fontes integradas: de produção de fotografias e da realização de entrevistas de caráter narrativo. Essas abordagens possibilitaram integrar aspectos de sua trajetória educacional, projetos vitais e profissionais, escolhas de vida e demandas culturais e comunitárias que influenciam no processo de construção de seus projetos de vida (Bauer & Gaskell, 2004; Yokoy, Branco & Lopes de Oliveira, 2008; Araújo & Sperb, 2009).

O contato com as participantes foi organizado em dois momentos. Inicialmente, um primeiro contato com as estudantes, em que, além de uma entrevista inicial, se propôs o exercício de produção fotográfica durante um período previamente combinado, o que compreendeu em torno de cinco ou sete dias⁷. Posteriormente foi promovido um novo encontro, no qual as fotografias possibilitaram uma torção com o próprio trabalho e a produção das imagens como protagonistas em uma nova entrevista.

Além das entrevistas, utilizamos o recurso de câmeras fotográficas descartáveis com filme colorido, que possuem um número reduzido de fotos – em média 27 poses. E, após a produção, uma discussão sobre as imagens, em forma de entrevista. Este fato se mostrou

⁷ Esta variação corresponde à peculiaridade dos locais em que se desenvolveu o estudo, eventualmente de difícil acesso.

importante em dois aspectos: exigiu planejamento por parte das pesquisadas e tornou mais sucinta a integração entre as imagens e a realização das entrevistas.

Tal aproximação metodológica se constituiu nos moldes defendidos por Maurente e Tittoni (2007) e Pizzinato (2008), onde a fotografia otimiza aspectos de expressão, não tão diretamente aprendíveis pelo discurso verbal, da mesma forma que instrumentaliza o processo de construção da entrevista narrativa. Segundo Banks (2009), a produção de narrativas visuais se define como uma organização intencional de informações, dessa maneira, os materiais podem ser entendidos como estruturas comunicativas.

Com isso foi proposto que, também, além de elaborar considerações sobre as fotografias isoladamente, a entrevistada estabelecesse sentidos para o processo fotográfico, estabelecendo ordens de importância, cronológica e semântica, para sua produção, pois consideramos as fotografias como um conjunto de narrativas visuais culturalmente significadas. As produções fotográficas são atravessadas por referências artísticas, sociais e históricas, que se cristalizam nas imagens. Tais imagens inclinam-se ao significado de uma audiência que compartilha, de certa forma, as mesmas influências cognitivas, e configuram-se como narrativas constitutivas das identidades pessoais e sociais (Pizzinato, Cé & Oliveira-Machado, 2012).

Partindo das considerações de Flick (2004), foram elaboradas no presente estudo duas etapas para análise das imagens. Inicialmente as fotografias foram consideradas como um processo e foram anotadas impressões, questões e padrões de significado – pelos pesquisadores. Posteriormente, foram verificadas formas singulares de organização das fotografias para cada participante – dissonantes ou não das temáticas propostas.

Segundo Flick (2004) o trabalho que considera este aspecto narrativo tem por premissa uma leitura subversiva, ao contrário de uma leitura realista das imagens. Não é, portanto, intuito desta pesquisa compreender dados como um encontro de verdades através do desvelamento de informações, mas, sim, de compreender que as ideias das jovens sobre sua realidade as influenciam na produção das fotografias.

3.6. Resultados

Neste capítulo, analisamos as narrativas produzidas pelas jovens participantes, com caráter compreensivo dentro de uma perspectiva de sujeito dialógico, em que as narrativas sobre si resultam das diversas relações com o meio. Buscamos abrir as palavras para provocar

diferentes combinações dialógicas presentes nos jogos de força entre o visível e o dizível (Cole, 1999).

A busca pelo reconhecimento de aspectos compartilhados nas trajetórias acadêmicas e de projetos vitais destas jovens ressalta algumas particularidades. Entre elas, a noção de que o meio rural é permeado por relações diferenciadas das do meio urbano. Se entende que o meio rural e a comunidade em que as jovens vivem diferenciam-se da cidade por serem lugares vazios de gente, mas cheios de relações e que os meios urbanos funcionariam como um oposto, vazios de relação apesar da quantidade enorme de pessoas reunidas (Lefebvre & Andrade, 2004).

A noção de diferenciação e oposição entre os meios urbanos compreende estes espaços como representações, ações e ligações afetivas, permeados por diversas articulações. O espaço rural é discutido em relação ao meio urbano, sendo o lugar que carece de características do meio urbano, porém para as participantes desta pesquisa o que acontece é o processo inverso. As jovens colocam o meio urbano como um espaço que carece de traços rurais, no que diz respeito às relações afetivas. (Carneiro, 1998; Souza & Pedon, 2007).

Em entrevista com a participante *Flávia*, podemos verificar como são estabelecidas diferenciações em relação aos espaços urbano e rural. Para Flávia, o campo é caracterizado pela maior proximidade entre as pessoas, apesar da quantidade menor de sujeitos, enquanto que a cidade denotaria uma falta de proximidade, apesar da quantidade grande de moradores:

“No campo é diferente, é mais aberto, as pessoas se comunicam mais, estão sempre juntas, se divertindo. Na cidade não. Eu acho que na cidade existe muito... as pessoas são mais... distantes umas das outras, se comunicam pouco, o movimento é muito grande na cidade. As pessoas vão mais pelo emprego, todo mundo sai, até as famílias às vezes ficam distantes, né, por causa do emprego na cidade. E aqui pra fora não. Aqui é mais calmo, as famílias estão sempre unidas.”

Essas concepções são acompanhadas pela apresentação, por parte de algumas participantes, sobre o desejo de estudar em grandes centros urbanos e a ambivalência entre retornar ou não ao campo. Dentre os argumentos destaca-se o desejo de obter outras experiências, outras possibilidades de exercício de si que, neste caso, estariam fortemente atreladas ao meio rural. Foi destacado pelas jovens que este processo é incentivado pelas famílias, apesar de geralmente não existir um suporte financeiro ou planejamento suficiente

para tal. Estas ambivalências e desejos contraditórios das jovens são devidos à fragmentação dos processos identitários na juventude e pela presença de discursos polissêmicos sobre si (Hernández, 1998; Nascimento, 2006).

Nesse sentido, tem-se a concepção de sujeito como alguém plural e resultado de processos dialógicos que pressupõem estabelecer diversas formas de ser e se relacionar com as vozes e posições do espaço comunicacional (Arnett, 2007; Araujo & Sperb, 2009). Outro elemento-chave tanto nas fotografias, quanto nas entrevistas, foi a vinculação do projeto de vida à formação de uma nova nucleação familiar. Mais do que uma escolha, tal elemento figura como uma sentença. Esse fato pode ser compreendido através da noção de gênero proposta por Strey (2001), onde gênero é a simbolização do corpo biológico através dos sentidos disponíveis no discurso vigente.

Sendo assim, as formas de subjetivação do gênero estariam subjugadas às propostas socialmente pela nossa cultura, que valoriza ou desvaloriza algumas formas de exercer feminilidade e masculinidade (Riscado e Peres 2008; Abano e Carvalho, 2010). Numa perspectiva tradicional de construção de um projeto familiar, o foco parece centrar-se no exercício do papel materno. Em que as fotografias analisadas fomentam um maior contato com as noções de gênero vigentes no contexto das participantes, que se expressam de forma tradicional, com papéis claros e bem definidos.



Figura 4 – Ser Homem



Figura 5 – Ser Mulher

As distinções socialmente estabelecidas entre masculino e feminino se manifestam no cotidiano e se refletem também nas produções fotográficas das jovens, como, por exemplo, na composição da participante Verônica, onde “ser mulher” foi representado por uma nota de R\$10, acompanhada de adereços estéticos e maquiagens; já “ser homem”, por uma de R\$50, ao lado de uma garrafa de bebida alcoólica, chaves de um veículo e um perfume.

Na entrevista subsequente, embora reconheça a importância da inserção da mulher no mundo do trabalho por questões financeiras, ainda vincula o feminino a um papel de subordinação ao masculino, ou no campo do trabalho reprodutivo. Para Pizzinato (2008) é através da interiorização de múltiplos discursos, complementares ou dissonantes, que há a constituição das identidades contemporâneas, podendo haver discursos perpassados tanto por padrões culturais, como por valores territoriais e locais.

Assim, podem as jovens ter concepções tradicionais e hierarquizadas sobre papéis de gênero e ao mesmo tempo discursos e noções de formas de viver na contemporaneidade (Paixão, Santos & Ramos, 2008). O dinheiro, desse modo, é relacionado principalmente à questão estética, como apontado na seguinte fala:

“Pra mim mulher é ter independência, conseguir trabalhar pra sustentar a casa e não perder a pose de ser bonita. (...) acho que no fundo a gente quer ter esse dinheiro pra comprar, porque às vezes o marido dá o dinheiro pra pagar contas e não sobra quase nada pra gente se sentir bem, pra se sentir bonita. Acho que a

gente tem que trabalhar também pra isso. Se a mulher quiser fazer uma plástica, guarda dinheiro pra poder fazer uma plástica!”

Quando questionada sobre a diferença de valores entre as notas, Verônica retomou a hierarquia do gênero, afirmando que o dinheiro recebido por mulheres deve servir para recompensar o papel do homem como provedor:

“Sim, de 50. Porque tem que ter no bolso, porque o homem gosta de proteger a mulher, porque a mulher gosta de ser independente, mas o homem... Eu li um livro uma vez que o homem gosta também de sustentar a mulher, porque daí ele vê que ela é frágil e ele gosta disso. Então, por isso que eu acho que deixa eles pagarem as contas da casa com o dinheiro deles e a gente trabalha pra nós, pra retribuir eles, então bota maquiagem e esses negócios.”

Aboim (2012) relaciona as representações de masculinidade e feminilidade com a dicotomia liberal entre o público e o privado, em que as mulheres ficariam predominantemente no espaço doméstico com uma restrição do poder econômico e simbólico das mesmas. Dessa forma, as fotografias sobre o campo feminino restringiram-se quase que exclusivamente ao plano privado, referente ao trabalho doméstico e a questões de maternidade ou vaidade, simbolizadas por cosméticos e adereços estéticos.

A masculinidade, por sua vez, foi representada pelo trabalho no âmbito público e primordialmente braçal e identificado com os fazeres tradicionais do meio rural – seja na lavoura, no trato aos animais, com tratores ou caminhões – e à socialização, referente ao comportamento externo ao lar (Aboim, 2012).



Figura 6 – Feminino

Destaca-se a produção da jovem Flávia, onde ela representou o gênero feminino por um autorretrato simulando uma gravidez. A condição feminina, assim, foi simbolizada reforçando a ideia da determinação do seu papel social como condicionado ao biológico reprodutivo, como contemplado pela jovem na entrevista:

“Sempre que eu penso em mulher eu penso na minha mãe, em alguma mãe, não acho que necessariamente pra ser mulher tem que engravidar, mas toda mulher tem um sonho de ser mãe, é raro as que não têm esse sonho. Mas a maioria das pessoas que não pode ter filho tem vontade de ter. Com certeza ela gostaria de ser mãe, de ter filhos, então quem não tem geralmente adota...”

Atualmente há uma maior autonomia para as mulheres decidirem sobre o desejo da maternidade. Tal discurso está presente em algumas falas das jovens, e pode, pois, ser compreendido através de um processo de construção identitária das jovens, perpassado por diversos discursos, construídos historicamente, e, por vezes, conflitantes (Meyer, 2011; Scavone, 2011; Paixão, Santos & Ramos, 2008). A maternidade e as funções do cuidado estão vinculadas aos papéis sociais e familiares ocupados pelas mulheres ao longo dos tempos, gerando uma grande influência nos planos de vida das mesmas (Gedes & Daros, 2009).

Oposições entre delicadeza e rusticidade também foram usadas para ilustrar a dicotomia de gênero, reproduzindo, respectivamente, as concepções de feminilidade e masculinidade. A participante Nara, ao compor uma categoria de ser homem, cristalizou uma imagem com uma “motosserra” na grama. A composição da imagem referente à mulher, por sua vez, apresenta uma mesa coberta por um tecido rosa, onde em cima são colocados produtos de maquiagem.

A delicadeza simbolizaria o mundo feminino, enquanto que o homem é destinado a um trabalho, que pressupõe atitudes de rusticidade e virilidade, além de acontecer no âmbito público, externo ao lar, com funções sociais e os espaços, públicos ou privados, delegados aos gêneros (Aboim, 2012; Guedes & Daros, 2009).



Figura 7 – Masculino



Figura 8 – Ser Mulher

Nas entrevistas, Nara reiterou sua percepção acerca das posições assumidas por homens e mulheres nos âmbitos públicos e privados:

“Mulher gosta de ficar sempre bonita. Eu, principalmente, gosto de ficar 24 horas bonita. (...) Andar bem pintada (...) O homem tem que ser sincero, carinhoso, respeitador. Principalmente trabalhador. Imagina se pega um homem vagabundo!”

Ainda que o norte das questões das entrevistas que se relacionavam à análise dos projetos de vida abrangesse suas expectativas para o término dos estudos, através da análise foi levantada uma dificuldade de materializar estrategicamente o direcionamento que as jovens entrevistadas dão para seus projetos de vida “pós-escola”. Nos questionamentos acerca dos sonhos ou planos futuros, as jovens relataram com frequência o desejo de término dos

estudos escolares e o início de uma nova etapa acadêmica através do ingresso no Ensino Superior. A continuação dos estudos é acompanhada pelo plano de sair da cidade, do contexto onde vivem, visto que nelas não há universidades, mas também não há uma real clareza dos determinantes sociais que permitiriam a concretização desses planos.

A dificuldade de organização para a realização do plano de sair da cidade relaciona-se com a possibilidade que a continuidade nos estudos simboliza para os jovens de ascensão social e transição para a fase adulta. Este duplo movimento é carregado de um sentimento de ambivalência. Apesar de desejarem a independência social e financeira que os estudos podem propiciar, o rompimento ou o distanciamento com a família de origem e a passagem para um novo *status* social da fase adulta tornam esse processo bastante complexo e confuso para as jovens (Barros, 2010).

Em um exemplo de tal configuração, a participante *Débora* fotografou um retrato de uma mulher segurando um diploma posicionado em cima de livros didáticos. Com a justificativa de:

“O futuro eu imagino estudar e me formar, por isso eu botei os livros e um diploma. Acho que esse é o futuro que eu pretendo ter, estudar, me formar e talvez ter um emprego.”

Quando questionada sobre o lugar onde pretendia estudar e possíveis modos de realização do sonho, no entanto, referiu: “*Não tenho ideia ainda.*”. Apresenta-se, dessa forma, uma ambivalência entre a ideação de um projeto de vida e sua concretização, relacionada a um desconhecimento das diversas áreas de trabalho e à percepção de dificuldades socioeconômicas.

Foi recorrente, nas verbalizações das participantes referentes ao incentivo dos pais e familiares em relação aos estudos, a priorização do bom desempenho e término da escola e ingresso no Ensino Superior. O papel crucial da família na construção dos projetos de vida das jovens se dá na medida em que a família é o microsistema central onde se vive e aprende as primeiras possibilidades de ser, construindo uma relação primordial entre o real e o imaginário. E, apesar do incentivo familiar, a maior fonte do sentimento de ambivalência dos jovens está na separação com a família e na assimilação da passagem para a vida adulta (Barros, 2010).

Desse modo, compreendendo que cada pessoa somente pode ser entendida em seu contexto, a família se apresentou como núcleo importante. Para isso procuramos entender que

as relações se estabeleciam entre os projetos de vida das jovens e seus referenciais familiares. Nessa direção, pode-se exemplificar na entrevista com a jovem *Laura*, que finalizava a educação básica no momento e relatava:

“Minha mãe sempre se preocupou em me levar pra curso, coisas assim, e quando eu tava com dificuldade em alguma matéria ela pagava supervisão escolar pra mim, pra me ensinar. Ela sempre botou o colégio em primeiro lugar.”

Tal perspectiva coincide com a fala de *Bibiana*, que encerrava o terceiro ano do Ensino Médio:

“A mãe sempre me incentivou, o pai também, eles sempre estão... A mãe é mais presente que o pai, porque o pai trabalhava, então ele não vinha muito no colégio, mas ele sempre está perguntando como é que eu estou na escola. Mas a mãe é mais presente porque ela está sempre vindo nas reuniões, esse tipo de coisa. O pai não é muito de vir, entendeu, mas ele sempre está perguntando como eu estou no colégio.”

Nessa citação, é importante observar como novamente surge o discurso social sobre os papéis de gênero, destacando a função de mãe como cuidadora e do pai como envolvido com trabalho (Riscado & Peres, 2008; Alboim, 2012; Guedes & Daros, 2009).

Cabe ressaltar que as entrevistadas constituem a primeira geração de suas famílias a terminarem o Ensino Médio, fato que pode apresentar relação com a percepção de apoio apresentado pelos pais. A participante *Laura* indica que as dificuldades que os seus pais sofreram induzem o apoio que, hoje, eles dão para seus estudos: *“Pra ter um futuro melhor, né, não passar pelos que eles passaram, as dificuldades que eles tiveram. Eles querem um futuro melhor pra mim.”*

Percebemos, aqui, uma vinculação da formação superior ao projeto de vida e uma associação entre as diferentes categorias discursivas no que tange aos projetos de futuro, retomando marcos identitários já consolidados e associando a formação superior a uma formação de *self* diferenciado em seu contexto direto. Esta associação pode ser entendida como um modelo de projeto de vida em detrimento de outros, acarretando em uma diferenciação identitária do que é seu e do que é dos outros (Mead, 1934/1989).

Em relação às expectativas profissionais, não estavam desvinculadas do ideal do trabalho doméstico ou da reprodução do modelo de trabalho do âmbito rural. Tal temática do cuidado está bastante presente nas respostas, reforçando a noção de cuidado como uma tarefa de predomínio feminino, ligado aos papéis assumidos historicamente pelas mulheres de preservação das famílias (Guedes & Daros, 2009). Isto pode ser exemplificado pela escolha das jovens por carreiras universitárias como as de enfermagem, pedagogia, psicologia e medicina veterinária, como relata Fabiana:

“Tudo o que eu quero é fazer uma faculdade, sabe? Eu queria me formar em veterinária, mas eu penso assim, os animais não têm quem ajude eles, só o veterinário. Só que também eu penso em fazer enfermagem. Então eu daria prioridade pra enfermagem.”

A participante *Laura*, que fotografou o símbolo da Psicologia desenhado por ela, mencionando na entrevista que seria sua futura profissão, justificou a escolha:

“Porque eu gosto de ouvir os outros, ouvir as histórias dos outros. Às vezes até dou uma opinião, eu gosto de dizer o que eu acho que é certo ou errado.”

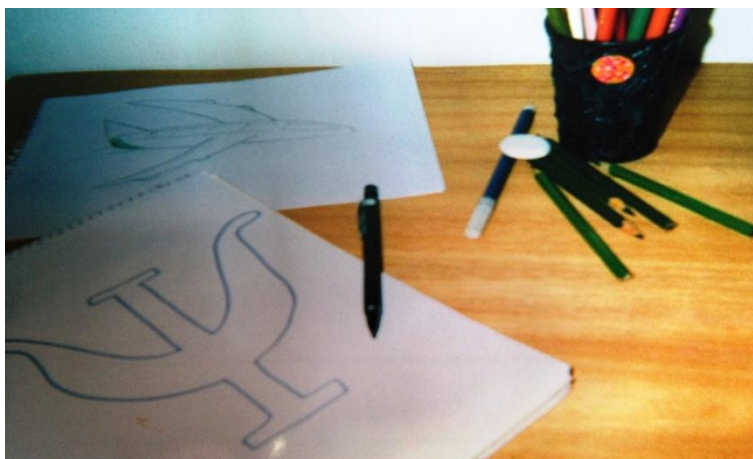


Figura 9 – Futuro

Percebemos, ainda, uma convergência entre a escolha profissional e as marcações de gênero, de modo que os projetos de vida sejam pautados, entre outros, pela posição socialmente designada ao feminino, relacionada ao plano do cuidado. Escolhas referentes ao

cuidado e à preocupação com o outro retomam o lugar doméstico socialmente designado às mulheres, associando, assim, as duas categorias (Guedes & Daros, 2009).

Em muitas entrevistas, quando havia a menção de saída da comunidade para o curso superior em centros urbanos, logo havia – em tom de desculpa – alguma justificativa de que tal saída seria temporária, pois, depois de formadas, certamente retornariam às suas comunidades. Mesmo assim, em muitas entrevistas houve ambivalência nas respostas, que se polarizaram entre a vontade de retorno à comunidade – colocada, assim, como referencial identitário – e a aspiração ao êxodo – desejo de seguir a vida em cidades maiores, relacionadas a mais possibilidades de emprego. O discurso da jovem Angélica é expressivo pela representação da cidade grande como lugar de maiores possibilidades:

“Eu penso que eu termino aqui, eu vou embora e só pretendo voltar pra ver meus pais. Não pretendo voltar pra cá pra morar. (...) Porque é, sei lá, é cidade pequena. Então, tipo... Emprego é meio pouco, sabe? Então eu prefiro ir lá... Lá eu ajeito um emprego bom, faço a minha faculdade. Arrumo uma casinha boa e fico lá, não pretendo voltar.”

A participante Bibiana, por sua vez, referiu nas entrevistas o desejo de permanecer morando em sua comunidade na vida adulta, devido a noções de pertencimento. Sonhava em morar fora para estudar, mas, após a realização, pretendia o retorno para seu lugar de origem:

“(morar fora) só para fazer a escola agrícola, bem dizer eu nem vou ficar muito na cidade, eu vou ficar mais é no colégio, né?”

Fez, também, diferenças valorativas entre o campo, simbolizado positivamente, e a cidade, interpretada como caótica e confusa. Ela disse:

“Eu me sinto mais à vontade aqui fora, na cidade eu me sinto perdida, eu acho aqui fora melhor, não gosto da cidade.”



Figura 10 – Comunidade

Ainda sobre planos de futuro, houve verbalizações acerca dos projetos no âmbito afetivo que suscitaram, principalmente, reflexões sobre o casamento, que se destacaram no processo de fotocomposição. Algumas jovens relacionaram o tema com questões religiosas, como fotos compostas por duas alianças e a Bíblia ou fotos com capelas ou igrejas, apresentando perspectivas tradicionais acerca da instituição.

Contudo, também foi notável o número de respostas que fazia referência a uma intenção de não se casar. Muitas jovens expunham suas opiniões sobre a instituição do casamento de maneira negativa ou secundária, colocando como prioridade seus estudos e projetos de carreira, mais do que de fato o casamento ou a constituição de uma família nuclear própria. Assim como a instituição “Família”, o casamento teve modificações na forma de percepção dos seus padrões e noções tradicionais. Expostas a modificações de acordo com a cultura, sociedade e o processo histórico, essas instituições estão passando por períodos de grandes questionamentos, principalmente por parte dos jovens sobre seus valores tradicionais, ocasionando momentos de tensão dentro destas (Stengel, 2010; Strapassolas, 2004).

A participante Flávia, por exemplo, compôs uma imagem com duas mãos se tocando, deixando em evidência as alianças nos dedos. Sobre a fotografia ela referiu:

“Bati de duas mãos com alianças. Porque geralmente quando tu vê uma mão com aliança, tu pensa: “ah, é casado”. Eu poderia também bater foto de uma família, porque eu acho que a união também é família. Quando eu penso no meu casamento, eu me imagino de vestido de noiva.”



Figura 11 – Ser Mulher

A jovem Maria retratou a fotografia da cerimônia de sua irmã, onde ela aparece usando um vestido branco. Na entrevista, no entanto, citou um descontentamento frente à visão tradicional socialmente compartilhada do casamento. Primeiramente, comentou sobre a passagem geracional da instituição:

“Eu peguei a foto da minha irmã. Minha irmã, minha mãe, é a mesma coisa, as duas são as mães, quem vê, a gente acha que a minha irmã é minha mãe, minha mãe é minha avó e minha avó é minha bisavó.”



Figura 12 – Ser homem

Posteriormente, a mesma participante contestou a tradição da cerimônia, expondo a ambivalência entre a perspectiva familiar e o projeto de futuro:

“Acho que o casamento são duas pessoas que têm que se gostar muito. Eu não penso em casar, pelo menos não tão cedo, mas eu vou ter que ter certeza absoluta que o cara gosta de mim e que eu gosto dele. O convívio com uma outra pessoa... Acho que a partir do casamento tu está formando a tua família, pode vir os filhos e netos. Sei lá, acho que casamento é bonito, só que é muito clássico, é tudo igual sempre.”

A jovem Nádia, por outro lado, fotografou sua filha para representar o casamento, relacionando-o, a partir da entrevista, a noções de vida adulta e sua consequente responsabilidade.



Figura 13 – Futuro

Ela justificou: *“Tirei porque depois do casamento vêm os filhos, vem mais responsabilidade... Antes eu pensava em sair, viajar, ir pra baile... Depois que veio a ‘G’, não dá pra fazer nada mais”*. A condição da maternidade denota a transição do papel infantil para o adulto, representando, assim, a perda de liberdade e aumento da responsabilidade na vida de meninas adolescentes (Lopes & Soares, 2011).

3.7. Considerações finais

A concepção contemporânea de identidade permite conceber as pessoas com mais multiplicidade e dinamicidade, de modo que as noções de eu possam se modificar de acordo com o contexto em que se apresentam; especialmente no que diz respeito ao contexto rural, essa diversidade é pouco conhecida. Apesar da vida no campo, o fluxo massivo de

informações, veiculado pela globalização, afirma identidades relacionadas a um padrão global, promovido por meios de simbolização não físicos, mesclando-se à identidade territorializada do meio rural.

Nesta pesquisa foi possível perceber que os indicadores apresentados (como gênero, projetos de vida e juventude) são diretamente atravessados pela dinâmica de fronteira que relaciona a territorialidade do espaço rural com a desterritorialização que a globalização promove. Assim, tanto as participantes, como os demais sujeitos contemporâneos, se posicionam em uma polifonia discursiva, na qual diferentes padrões dividem espaço, ora convergindo, ora confrontando-se.

O urbano e o rural, portanto, deixam de ser compreendidos como uma dicotomia, posto que, no contexto apresentado, as categorias se constroem sempre em relação. Com isso, o uso de fotografias como ferramenta de metodológica auxiliou nas narrativas das jovens, principalmente como forma reflexão sobre o projeto de vida.

Sobretudo os pressupostos de gênero foram colocados em questão, pois é importante que sejam constantemente discutidos como forma de desnaturalização dos papéis atribuídos socialmente. Um ponto a ser destacado foi a dificuldade que encontramos na logística dos dados, por se tratar de regiões de difícil acesso, e tínhamos alguns recursos tecnológicos limitados, para revelar as fotos, por exemplo. Contudo, o último ponto a ser destacado é a importância de se desenvolver este estudo envolvendo meninos, para que se possam problematizar as posições ocupadas pelo masculino neste contexto, e, claro, continuar o desenvolvimento de estudos no âmbito rural.

3.8. Referências

Aboim, S. (2012). Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 95-117.

Achutti, L. E. R. (2004). *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Araujo, G. B; Sperb, T. M. (2009). Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. *Psicologia em Estudo*, 14, 185-194.

Arnet, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for?. *Child Development Perspectives*, 1(2).

Bakhtin, M. (1986). *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press.

Bakhtin, M. (1997). *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Banks, M. (2009). *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Barros, M. M. L. (2010). Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes antropológicos* [online]. 16 (34), p. 71-92.

Bauer, M. W., & Gaskell G. (2004). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Carneiro, M. J. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura* (UFRJ), Rio de Janeiro.

Cole, M. (1998). Can Cultural Psychology help us think about diversity?. *Mind, Culture & Activity*, 5 (4).

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (Vol. 2). Porto Alegre: Bookman.

Guedes, O. S., & Daros, M. A (2009). O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. *Serviço Social em Revista*, 12(1), 122-134.

Hermans H.J.M. (1999). Dialogical thinking and self innovation. *Culture & Psychology*. 67(5), 67-87.

Hernández, O. (1998). *El Desarrollo Profesional Creador (DPC) como dimensión del Proyecto de Vida en el ámbito profesional*.

Lefebvre, H., Martins, S., & de Andrade, M. M. (2004). *A revolução urbana*. Editora UFMG.

- Lopes, M. J. M., & Soares, J. S. F. (2011). Biografias de gravidez e maternidade na adolescência em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(4).
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maurente, V., & Maraschin, C. (2008). Experiência de si e autoria: articulações teóricas a partir de oficinas de fotografia digital em um serviço de saúde mental. *Informática na educação: teoria & prática*, 11(2).
- Maurente, V., & Tittoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(3).
- Mead, G.H. (1934/1989). *Mind, self and society from the standpoint of a social behaviourist*. Chicago: University of Chicago Press.
- Meyer D. E. E. (2011) Corpo, gênero e maternidade: algumas relações e implicações com o cuidado em saúde. *Enfermagem em foco*. 2(1) 18 – 22.
- Nascimento, I. (2006). *Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações*. Universidade Federal do Pará: Imaginario.
- Neiva-Silva, L. (2003). *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: Um estudo autofotográfico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Neiva-Silva, L; Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, Porto Alegre, 7(2), p. 237-250.
- Paixão, G. P. N., Santos, S. M. P. D., & Ramos, P. R. (2008). Percepções das diferenças de gênero entre adolescentes do município de Juazeiro-BA. *UDESC em ação. Santa Catarina*, 2(1).

Pizzinato, A. (2008) Psicología e imágenes: el proceso de narración digital en la investigación sobre la identidad en la infancia en riesgo de exclusión. *Hallazgos*, 11, 55-64.

Pizzinato, A., Cé, J. P., & de Oliveira-Machado, R. (2012). Apuntes metodológicos para el análisis narrativo de datos visuales en psicología. *Diversitas*, 8(1), 13-27.

Riscado, L; Peres, S. O. (2008). Contribuição da categoria gênero para os estudos sobre adolescência e juventude no âmbito da psicologia e ciências sociais como meio de evidenciar a permanência das desigualdades e as necessidades de enfrentar a exclusão social. *Revista Ártemis*. 09, p. 77-91.

Scavone, L. (2011) Maternidade: transformação na família e nas relações de gênero. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. 5 (8) 47-60.

Souza, E. A. & Pedon, N. R. (2007). Território e Identidade. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiro*, Três Lagoas 1(6).

Souza, M. L., & Gomes, W. B. (2009). Temporalidade e espacialidade na estrutura do self nas abordagens semiótica e dialógica. *Psicologia em estudo*, 14(2).

Stengel, M. & Tozo, S. M. P. S.(2010). Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. *Pesquisas e práticas psicossociais*; 5(1), p. 72-82.

Strey, M. N. (2001). Gênero. In: Strey, M.N. et al. *Psicologia Social Contemporânea* . Petrópolis: Vozes, 2001.

Stropasolas, V. L. (2004). O valor (do) casamento na agricultura familiar. *Revista de Estudos Feministas* [online]. 12 (1), p. 253-267.

Velho, G. (2004). *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Wagner, A.; Falcke, D.; Meza, E. (1997). *Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida*. Pontifícia Universidade Católica. Rio Grande do Sul.

Yokoy, T; Branco, A. U; Lopes-de-Oliveira, M. C. (2008). Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais. *Revista do Departamento de Psicologia (UFF)*, 20, 357-376.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste percurso, buscamos fazer algumas reflexões sobre as jovens e o meio rural, interface na qual adentramos durante a produção desta dissertação sobre a relação e os efeitos de ser jovem e mulher no meio rural. Entretanto, podemos perceber estratégias estigmatizadas pelo contexto da cultura, acerca do discurso apontando para outras possibilidades de significados. Possibilidades em que, através da aproximação metodológica com utilização de imagens, foi possível pensar enredos geracionais que englobam o universo singular de cada jovem.

Dentro destas possibilidades, foram tecidas, na Seção I deste estudo, as contribuições da utilização de imagens na pesquisa qualitativa. Da mesma forma que ponderamos a discussão com projetos de vida e modos de ver sobre si. Com isso tornamos esta pesquisa em um desafio, tanto para os pesquisadores, quanto para as meninas, com o convite de fotografar o tempo e o espaço, ou seja, dar visibilidade às suas sensibilidades.

Contudo, na Seção II, acrescentamos as narrativas das imagens, o que tornou o desafio ainda mais intenso, pois o que é dito sobre as imagens se torna uma potência no que diz respeito aos modos de viver. Sendo assim, as entrevistas foram tensionadas e produziram um efeito de reflexão e implicação sobre os projetos de vida das jovens. Pois vieram à tona temas do cotidiano que nos tocam e nos convidam a protagonizar novas linhas de visibilidades em nossos pressupostos de pesquisador, propondo um questionamento, a cada imagem, sobre nossos modos de pesquisar.

Com isso, encontramos algumas limitações nas lacunas de interlocução da utilização de imagens como ferramenta metodológica. A principal delas é, por se tratar de contextos rurais onde o acesso logístico é diferente do acesso metropolitano, as revelações da imagens. Esta limitação diz respeito à questão de tempo entre o fotografar e a criação de narrativa sobre as imagens, sobretudo por ser um trabalho de construção em que as jovens se debruçaram para produzir.

Outro ponto importante a ser destacado é o aspecto de gênero, pois foram entrevistadas meninas. Sobre isso caberia um estudo que envolvesse meninos e meninas do meio rural, para que os contrastes fossem postos em interlocução, e apropriando as(os) jovens dos processos sociais e de seus processos de projetos vitais pessoais.

5. ANEXOS

5.1. ANEXO A



Figura 14 – **Aprovação** no Comitê de **Ética** em Pesquisa da PUCRS

5.2. ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS RESPONSÁVEIS

Construção narrativa de projeto de vida e educacional de jovens mulheres do meio rural

O Grupo de Pesquisa *Identidades, Narrativas, e Comunidades de Prática* está realizando uma pesquisa sob orientação do Dr. Adolfo Pizzinato, cujo objetivo é compreender os aspectos da trajetória de vida e organização de projetos vitais e profissionais de jovens da zona rural.

Sua filha foi selecionada para participar desta pesquisa. A metodologia a ser utilizada consiste de uma entrevista de pesquisa, e da realização por parte da sua filha de algumas fotografias com que ela relate seu cotidiano e elementos significativos da sua vida e de seu contexto. A entrevista objetiva conhecer a trajetória educacional e o projeto de vida de adolescentes do meio rural.

I. Desconfortos:

As participantes que não quiserem responder, ou sentirem qualquer desconforto durante a pesquisa terão liberdade de desistência da participação, podendo se retirar a qualquer momento.

II. Benefícios:

Os resultados deste estudo buscam contribuir para a sensibilização acadêmica na área de Psicologia a fim de ampliarmos o campo de estudo da comunicação visual. Sendo assim, a pesquisa não oferece nenhum benefício direto ou particular aos sujeitos entrevistados.

III. Liberdade na Participação e Contrato de Sigilo:

Ressaltamos que a concordância de participar deste estudo não implica em qualquer denúncia ou divulgação do material com fins comerciais ou penais. Fica estabelecido que todas as informações que decorram da entrevista e registro fotográficos ficarão armazenados no referido Grupo de Pesquisa por um período de 5 (cinco) anos, na sala 930, do prédio 11 do *Campus* da PUCRS. Estas informações somente serão utilizadas para fim de análise na composição de relatórios de pesquisa e publicações científicas. Todas as publicações e relatórios que vierem a ser realizados não permitirão a identificação dos sujeitos participantes de pesquisa, sendo resguardado o sigilo sobre esta participação.

Eu _____ (pai/mãe) responsável pela _____ (participante) fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima descrita, de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito da pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim eu o desejar. O pesquisador da equipe certificou-me de que todos os meus dados de identificação serão confidenciais e terei liberdade de retirar meu consentimento da pesquisa.

Caso tiver alguma pergunta sobre este estudo, sobre meus direitos como participante deste estudo ou se pensar que fui prejudicada pela minha participação, posso contatar o pesquisador orientador Dr. Adolfo Pizzinato pelo e-mail: adolfo.pizzinato@puhrs.br, ou pesquisador Marcelo Moreira Cezar pelo e-mail: marcelo.moreira.cezar@gmail.com. Ainda pelo telefone 051 3320-3633, pelo ramal 7748. Esta pesquisa foi submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 051 3320-3345 e e-mail: cep@puhrs.br.

Data ___/___/___

Assinatura do responsável

Data ___/___/___

Assinatura da participante

Data ___/___/___

Dr. Adolfo Pizzinato

Data ___/___/___

Marcelo Moreira Cezar

5.3. ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA A PARTICIANTE

Construção narrativa de projeto de vida e educacional de jovens mulheres do meio rural

Você está sendo convidada a participar da pesquisa **Construção narrativa de projeto de vida e educacional de jovens mulheres do meio rural**, desenvolvida pelo grupo *Identidades, Narrativas, e Comunidades de Prática*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Adolfo Pizzinato. Que tem por objetivo a compreensão do cotidiano de aspectos de organização de projetos vida e educacional de jovens da zona rural, do Estado do Rio Grande do Sul. Será realizada uma entrevista de pesquisa, também será fornecida uma câmera fotográfica para que você relate seu cotidiano e elementos significativos de sua vida.

A pesquisa não proporcionará desconfortos, porém você terá a liberdade de desistência e para se retirar da participação a qualquer momento. Os benefícios deste estudo serão de proporcionar a reflexão sobre estes temas em sua vida, da mesma forma para a ampliação desta discussão na área da Psicologia e no campo de estudo da comunicação visual.

Fica estabelecido, com a concordância neste Termo, que nenhum material será divulgado com fins comerciais ou penais. E todas as informações que decorram da entrevista e dos registros fotográficos ficarão armazenados no referido Grupo de Pesquisa por um período de 5 (cinco) anos, na sala 930, do prédio 11 do *Campus* da PUCRS. Estas informações serão utilizadas somente para fim de análise na composição de relatórios de pesquisa e publicações científicas. Todas as publicações não permitirão a identificação dos sujeitos participantes de pesquisa, sendo resguardado o sigilo sobre a participação.

Eu _____ (participante), fui informada dos objetivos da pesquisa acima descrita, de maneira clara e detalhada. Também esclareci minhas dúvidas, sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participação. Caso tiver alguma pergunta sobre este estudo, sobre meus direitos como participante ou se pensar que fui prejudicada pela minha participação, posso contatar o pesquisador orientador Prof. Dr. Adolfo Pizzinato pelo e-mail: adolfo.pizzinato@pucrs.br, ou pesquisador Marcelo Moreira Cezar pelo e-mail: marcelo.moreira.cezar@gmail.com. Ainda pelo telefone 051 3320-3633, pelo ramal 7748. Esta pesquisa foi submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 051 3320-3345 e e-mail: cep@pucrs.br.

Data ___/___/___

Assinatura da participante

Data ___/___/___

Dr. Adolfo Pizzinato

Data ___/___/___

Marcelo Moreira Cezar

5.4. ANEXO D

COMPROVANTE DE SUBMISSÃO

[Psicol. Soc.] Agradecimento pela Submissão

1 mensagem

Claudia Mayorga <suporte.aplicacao@scielo.org>

Responder a: "Sr. Marcelo Moreira Cezar" <marcelo.moreira.cezar@gmail.com>

Para: "Sr. Marcelo Moreira Cezar" <marcelo.moreira.cezar@gmail.com>

Sr. Marcelo Moreira Cezar,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "PROJETOS VITAIS DE JOVENS MULHERES DO ÂMBITO RURAL: UMA APROXIMAÇÃO COM FOTOCOMPOSIÇÃO" para *Psicologia & Sociedade*. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:

<http://submission.scielo.br/index.php/psoc/author/submission/138507>

Login: marcelomoreira0

Informamos que, devido ao grande número de submissões recebidas e necessidade de atendimento a critérios de distribuição regional e internacional, a perspectiva de publicação dos artigos é de pelo menos 1 ano.

Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Claudia Mayorga
Psicologia & Sociedade
Revista Psicologia & Sociedade
revistapsisoc@gmail.com